

**UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO**

**ANA CAROLINA VILLA GONZALEZ**

**MULHER, POLÍTICA E MÍDIA: UM OLHAR SOBRE A  
PRESENÇA FEMININA NA ESFERA PÚBLICA**

BAURU  
2011

**ANA CAROLINA VILLA GONZALEZ**

**MULHER, POLÍTICA E MÍDIA: UM OLHAR SOBRE A  
PRESENÇA FEMININA NA ESFERA PÚBLICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, sob a orientação do Professor Ms. Marcelo Silva.

BAURU  
2011

Gonzalez, Ana Carolina Villa

G6431m

Mulher, política e mídia: um olhar sobre a presença feminina na esfera pública / Ana Carolina Villa Gonzalez -- 2011.

61f. : il.

Orientador: Prof. Ms. Marcelo Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – habilitação em jornalismo) – Universidade Sagrado Coração – Bauru – SP.

1. Mulher. 2. Política. 3. Mídia. 4. Feminina. 5. Esfera pública. I. Silva, Marcelo. II. Título.

**ANA CAROLINA VILLA GONZALEZ**

**MULHER, POLÍTICA E MÍDIA: UM OLHAR SOBRE A  
PRESENÇA FEMININA NA ESFERA PÚBLICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, sob a orientação do Professor Ms. Marcelo Silva.

Banca Examinadora:

---

Professor Ms. Marcelo Silva  
Universidade do Sagrado Coração

---

Professora Esp. Ms. Maria Elza Campos Guijarro  
Universidade do Sagrado Coração

---

Professora Esp. Cláudia Pereira Detomini  
Universidade do Sagrado Coração

Bauru, 20 de Junho de 2011.

Pai,

Deus costuma usar a solidão  
para nos ensinar sobre a convivência.  
Às vezes, usa a raiva para que possamos  
compreender o infinito valor da paz.  
Outras vezes, usa o tédio, quando quer  
nos mostrar a importância da aventura e do abandono.  
Deus costuma usar o silêncio para nos ensinar  
sobre a responsabilidade do que dizemos.  
Às vezes, usa o cansaço para que possamos  
compreender o valor do despertar.  
Outras vezes, usa a doença, quando quer  
nos mostrar a importância da saúde.  
Deus costuma usar o fogo  
para nos ensinar a andar sobre a água.  
Às vezes, usa a terra para que possamos  
compreender o valor do ar.  
Outras vezes, usa a morte, quando quer  
nos mostrar a importância da vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, quero agradecer a Deus pela oportunidade de cursar uma faculdade e agradecer tudo que me proporcionou.

Gostaria de agradecer a todos os professores que contribuíram para minha formação, em especial, ao meu orientador Ms. Marcelo Silva.

Agradecer à minha família, que sempre esteve comigo, nos momentos difíceis, de dúvidas e incerteza.

Agradecer ao meu sobrinho Otávio Gonzalez Galhego, a quem tenho a honra de ser madrinha, pelo seu sorriso, por todo amor e alegria que traz à minha vida.

Aos meus colegas que estiveram comigo, pelos momentos de alegria que compartilhamos.

## RESUMO

Analisando o quadro atual da política brasileira, surgiu a reflexão sobre o “porquê” de termos poucas mulheres na política. O Brasil atravessa um momento especial para as mulheres, já que temos no topo da administração pública a presidente Dilma Roussef. Isso foi um grande salto, mas ainda está longe de ser o ideal. A mulher, ainda hoje, tem dupla jornada, a educação dos filhos, e o trabalho fora de casa, sem contar aspectos biológicos como TPM, menopausa e as questões hormonais. No estudo realizado, consideramos vários aspectos como o preconceito enfrentado pelas mulheres, pois, até pouco tempo atrás muitas tinham que seguir a determinação de suas famílias que as colocavam em conventos ou escolhiam seus maridos. A mulher poucas vezes teve a merecida atenção quando teve de ser ouvida, sendo submetida às regras da sociedade. A mulher pertencente às classes menos favorecidas sempre sofreu e ainda sofre preconceito, discriminação por sua etnia, entre outros fatores, sendo que são elas que mais saem à luta, reivindicando seus direitos. Os veículos de comunicação que exercem grande poder na formação das opiniões também deixam a desejar. A mídia não tem o interesse de colocar em evidência mulheres batalhadoras, guerreiras, que se envolvem com política, isso não seria valor-notícia. A época da ditadura militar atrasou muito a vida política do País, principalmente, das classes que estavam em ascensão, o que inclui as mulheres. As mulheres só começaram a exercer seu ato político em 1932, quando foi garantido o direito delas ao voto, mas com restrições. No trabalho que se apresenta, poderão ser acompanhadas entrevistas de duas mulheres políticas, a prefeita Ivana Camarinha (da cidade de Pederneiras – SP) que sempre sofreu preconceitos de cunho pessoal e não por sua atuação política e também Majô Jandreice (primeira vereadora eleita de Bauru – SP) que participou ativamente de movimentos sociais. Ela é assistente social e isso colaborou muito no seu engajamento político. Na reflexão apresentada, é notório que há necessidade de maior engajamento político da sociedade feminina no País.

**Palavras-chave:** Feminismo. Política. Democracia. Mulher. Mídia.

## ABSTRACT

Analyzing the current situation of Brazilian politics, the reflection on why there are few Brazilian women in politics has arisen. Brazil is going through a special moment for women, in the top of public management there is a woman, President Dilma Rousseff, that has been a big improvement, but it is still far from the ideal. Women still have double shifts, their children's education and work outside home, not to mention biological features such as PMS, menopause and hormonal issues. In this study we consider various aspects, such as the prejudice faced by women, considering that until recently many women had to follow the determination of their families, which used to place them in convents or even choose their husbands. Woman always had little voice, being subjected to the rules of society. The lower-class women have suffered and still suffer more: suffer prejudice, discrimination based on ethnicity, and they are the ones who mainly lead the fight claiming for their rights. The media has great power in forming opinions, but it also falls short, showing no interest in highlighting female warrior that get involved with politics, this would not have news value. The era of military dictatorship has delayed the political life of the country, especially in classes that were ascending, which includes women. Women only began to exert their political act in 1932, when their right to vote was guaranteed, but with restrictions. In the work presented, the interviews of two female politicians can be followed, Mayor Ivana Camarinha (Pederneiras - SP) which has always suffered prejudice and personal criticism aimed at her person, not by her political activities. Also, Majo Jandreice (first elected woman council in Bauru - SP) who actively participated in social movements, she is a welfare assistant and this fact has helped greatly in their political engagement. On the reflection presented it is clear that there is the need for greater female political engagement in the country.

**Keywords:** Feminism. Politics. Democracy. Woman. Media.

## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1** – A Presença da mulher na política se intensificou. Como a senhora analisa essa evolução? – 2011 .....37

**Tabela 2** – Quais os momentos mais importantes da mulher na vida pública do País. Por quê? – 2011 .....37

**Tabela 3** – Houve avanços, mas há muito a fazer. O que a senhora acredita fazer falta para que as mulheres conquistem mais espaço na vida política? – 2011 .....38

**Tabela 4** – Fale um pouco sobre sua trajetória na política e seu interesse pela vida pública – 2011.....40

**Tabela 5** – Quais os momentos mais relevantes na sua vida política e seu envolvimento com as questões públicas – 2011 .....40

**Tabela 6** – Que mulheres a senhora acredita serem relevantes no cenário político mundial e brasileiro? – 2011 .....41

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>POLÍTICA E DEMOCRACIA – DEFINIÇÕES.....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>POLÍTICA NO BRASIL – UM BREVE HISTÓRICO .....</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>A MULHER NA POLÍTICA E NA HISTÓRIA .....</b>	<b>19</b>
4.1	Mulheres quebrando barreiras .....	23
4.2	Maria Quitéria – uma brasileira diferente .....	26
4.2	Dilma Rousseff – um marco na política brasileira .....	27
<b>5</b>	<b>MEIOS DE COMUNICAÇÃO, GOVERNO E LIBERDADE DE EXPRESSÃO.....</b>	<b>30</b>
<b>6</b>	<b>MULHERES PIONEIRAS NA POLÍTICA REGIONAL – PESQUISA QUALITATIVA.....</b>	<b>36</b>
6.1	Mulheres presentes na política da região de Bauru – São Paulo.....	37
6.1.1	Ivana Maria Bertolini Camarinha .....	37
6.1.2	Maria José ‘Majô’ Jandreice – primeira vereadora de Bauru.....	37
<b>7</b>	<b>RESULTADOS DA PESQUISA QUALITATIVA .....</b>	<b>38</b>
7.1	Justificativa.....	38
7.2	Objetivos .....	38
7.2.1	Gerais.....	38
7.2.2	Específicos .....	38
7.3	Metodologia.....	38
7.4	Limitações .....	38
7.5	Apresentação dos resultados.....	39
7.6	Considerações sobre a pesquisa .....	46
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>50</b>

<b>ANEXO – 1 Carta Convite .....</b>	<b>52</b>
<b>ANEXO – 2 Entrevista integral com Prefeita Ivana .....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXO – 3 Entrevista integral com Majô Jandreice .....</b>	<b>57</b>

“Tenha em mente que tudo que você aprende na escola é trabalho de muitas gerações. Receba essa herança, honre-a, acrescente a ela e, um dia, fielmente, deposite-a nas mãos de seus filhos.”

Albert Einstein

## 1. INTRODUÇÃO

Através dos tempos, o homem vem buscando organizar sua convivência em sociedade, orientando-se por intermédio de normas, hábitos e julgamentos. Mas, nada disso existiria se não houvesse senso comum, o certo e o errado, o possível e o impossível, o coletivo e o individual. Essa organização, costumeiramente, passa por transformações, mudanças, adaptações – de acordo com as necessidades do todo.

A evolução do homem em sociedade e seus reflexos na vida pública tem sido objeto de estudos dos pensadores há centenas de anos. Esse evento tem acontecido dado ao fluxo de ideias e informações em tempo mínimo. É a comunicação cumprindo sua missão de disseminar dados entre a população e fazer com que esse público reaja – criando conceitos, concordâncias e divergências de opinião.

As opiniões mencionadas são o alicerce da democracia em que se vive no País, pois o voto direto e livre (sufrágio universal, amparado pela Constituição Federal) é dado pelos cidadãos a quem merecer. Desnecessário se faz dizer o quão importante isso é na estrutura social, pois, define, no mínimo, quatro anos de mandato.

O que cada personagem política tem a oferecer? Quais as impressões que se tem formado a respeito dos partidos? Quais episódios têm envolvido políticos e suas filosofias? Enfim, dados são entregues ao “consumidor da informação”. Eis, então, a importância da mídia no cotidiano brasileiro. Mídia essa que tem trazido, cada vez mais, a figura da mulher em suas chamadas, seus conteúdos.

Assim, se faz necessária uma análise sobre a postura da mulher diante dessas questões, ou seja, o papel que a mulher tem desempenhado na organização da sociedade e a responsabilidade que assume diante das questões coletivas.

O que se propõe no presente trabalho é uma visão geral em relação ao País no momento em que se encontra e também um olhar mais próximo à situação regional. Neste cerne, serão apresentadas entrevistas que mostram algumas políticas que figuram nesta esfera.

É preciso ser explicitado também o movimento de formação dos partidos políticos no Brasil, suas principais correntes filosóficas e suas personagens de grande relevância.

Não serão deixados de fora os principais fatos que puseram em foco a imagem feminina, sobretudo, em um momento histórico tão importante como o que se presencia: o Brasil tem no topo de sua administração pública uma mulher cuja origem é um partido de esquerda de grande importância na América Latina.

Para tanto, serão explanadas concepções básicas sobre política, história, comunicação e mulher na política – para que se possa ter uma visão adequada dos fatores que relacionam esses quatro pilares – alicerces do presente estudo.

Numa ordem mais objetiva acerca da presente pesquisa, serão explanadas no primeiro tópico as principais definições sobre ‘política’ e ‘democracia’.

Em seguida, será oferecida uma trajetória com os principais aspectos da história política no Brasil, os fatos e seus desdobramentos.

O terceiro evento que será abordado é a história da mulher na política, sobretudo, a mulher brasileira – suas dificuldades, seus estigmas sociais e suas lutas pelo espaço e direitos. Serão comentados os feitos de algumas mulheres notáveis em suas empreitadas políticas.

O quarto momento deste trabalho pretende explanar sobre questões que se inter-relacionam como governo, comunicação, liberdade de expressão e política. Neste capítulo, poderão ser conhecidas as principais características da comunicação no País, principalmente, no que diz respeito aos conteúdos voltados ao público feminino.

Poderão ser conferidos os principais eventos que marcaram os tempos contemporâneos: a mulher chegando à vida pública, as primeiras mulheres a chegarem ao poder no Brasil, enfim, os marcos mais relevantes da vida pública feminina.

Poderá ser conferida também a entrevista cedida pela primeira mulher eleita à prefeitura da cidade de Pederneras, Ivana Camarinha – onde é mostrado como foi chegar à prefeitura, sua trajetória, as dificuldades, o preconceito e, acima de tudo, a confiança de mais de 80% do eleitorado da cidade. Ivana Camarinha traz à tona os desafios que se puseram a sua frente e como entende sua atual posição política.

Deseja-se, assim, que este campo de estudos não se encerre por aqui, que mais e novas informações sejam desbravadas e trazidas a conhecimento, que

muitas visões sejam exploradas e novas e enriquecedoras opiniões sejam abertas para que mentalidades possam ser influenciadas em nome da evolução da sociedade como um todo.

Neste sentido, pretende-se verificar como se deu a política no Brasil, sua história e desdobramentos para a construção e legitimação da democracia.

## 2. POLÍTICA E DEMOCRACIA – DEFINIÇÕES

O termo democracia está íntima e diretamente vinculado ao Estado Republicano e para ele se podem encontrar diversas definições, entre elas, a da filósofa Jacqueline Russ: “democracia é o regime em que o povo, isto é, o conjunto dos cidadãos, detém a soberania.” (RUSS, 1994, p. 61)

Em sua obra, Russ cita ainda Montesquieu: “quando, na república, o povo em corpo tem o soberano poder, é uma democracia.” (RUSS apud MONTESQUIEU, 1994, p. 62)

Como se vê, as concepções e valores sociais têm seus momentos de mutação, assim, a concepção do termo ‘política’ tem também suas variações. Pensadores e estudiosos buscam as definições para o termo. É o que se poderá verificar no que segue.

A palavra tem origem nos tempos em que os gregos estavam organizados em cidades-estado chamadas ‘polis’, nome do qual se derivaram palavras como ‘politiké’ (política em geral) e ‘politikós’ (dos cidadãos, pertencente aos cidadãos), que estenderam-se ao latim ‘politicus’ e chegaram às línguas européias modernas através do francês ‘politique’ que, em 1265, já era definida nesse idioma como ‘ciência do governo dos Estados’.<sup>1</sup>

O termo ‘política’ é derivado do grego antigo e se refere a todos os procedimentos relativos à pólis, ou a cidade-estado. Assim, pode se referir tanto a Estado, quanto sociedade, comunidade e definições que se referem à vida humana e suas formas de organização.

Segundo a autora Hannah Arendt, filósofa alemã (1906-1975), política ‘A política baseia-se no fato da pluralidade dos homens’, pois, ‘baseia-se na pluralidade dos homens’, assim, se a pluralidade implica na coexistência de diferenças, a igualdade a ser alcançada através desse exercício de interesses, quase sempre conflitantes, é a liberdade e não a justiça, pois a liberdade distingue o convívio dos homens na pólis de todas as outras formas de convívio humano bem conhecidas pelos gregos’ [...].<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> WIKIPEDIA, A enciclopédia livre. **O que é política.** Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADtica>. Acesso em 03 abril 2011. Apud BOBBIO, Norberto. **O Estado, formas de estado, formas de governo.** Brasília: Instituto Tancredo Neves, 1987.

<sup>2</sup> Portal Brasil Escola. Disponível em <http://www.brasilecola.com/politica>. Acesso em 24 março 2011.

Como a política é formada por pessoas e essas são passíveis de falhas, os entremeios dessa instituição chamada 'política' têm sido, sobretudo, uma forma de domínio para que o interesse de um pequeno grupo seja aplicado à maioria comandada pelos vieses da administração pública, conforme:

A política, como forma de atividade ou de práxis humana, está estreitamente ligada ao poder. O poder político é o poder do homem sobre outro homem, descartados outros exercícios de poder, sobre a natureza ou os animais, por exemplo. Poder que tem sido tradicionalmente definido como "consistente nos meios adequados à obtenção de qualquer vantagem" (Hobbes) ou, como "conjunto dos meios que permitem alcançar os efeitos desejados".<sup>3</sup>

Assim, ideal de democracia e os desdobramentos políticos são fatores de difícil equilíbrio, sobretudo, nos países em que a democracia seria a última opção, como Líbia e Egito, onde muitos ajustes são exigidos para que se alcance a métrica mais próxima da democracia na política.

---

<sup>3</sup> Wikipédia, a enciclopédia livre. **Política**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADtica>. Acesso em 19 maio 2011. Apud

### 3. POLÍTICA NO BRASIL – UM BREVE HISTÓRICO

Apesar de ser um país novo (em relação aos milenares orientais e os antiqüíssimos europeus), o Brasil já tem uma grande história na sua formação política e em seus movimentos sociais – em glórias, em lutas e em derrotas também. O que se vislumbra, em uma primeira análise, é que o cidadão brasileiro é historicamente pouco engajado, pouco idealizador de lutas sociais e não se debruça sobre as questões coletivas.

Porém, não se pode partir do presente para que sua trajetória seja prevista. Pelo contrário, há que se desbravar pela longa e turbulenta história para que, assim, se entenda melhor o cenário social que hoje se configura.

Até apenas algumas décadas, mais precisamente nos anos 60 e 70, o Brasil vivia a política do bipartidarismo, ou seja, só havia o partido de situação (Arena) e o de oposição (MDB). A abertura política aconteceu em meados dos anos 80 – quando as duas alas se disseminaram em novas ideias e os desentendimentos foram positivos para o posicionamento político de diversos grupos. Daí então, o surgimento de ‘filhos’ como PDS (Partido Social Democrático), PSDB (Partido da Social-Democracia Brasileira), PDT (Partido Democrático Trabalhista) etc.

Em meados dos anos 80, o Brasil passou por uma transformação social de grande relevância – a volta da democracia após quase 30 anos de administração política fechada e imposta pela ditadura militar – onde o voto era indireto (via colégios eleitorais) e as manifestações públicas não incluíam a democracia em suas permissões. Com este evento, a abertura da comunicação voltou a imperar dentro da sociedade e, por conseqüência, passou a ser grande aliada dos partidos políticos – podendo disseminar seus conceitos e vertentes, uma forma de ‘educar’ a sociedade para o voto direto e livre.

O que se visualiza hoje é uma infinidade de legendas, reflexo dessa abertura dos anos 80. Ainda assim, não há o que se criticar nesse excesso, pois, ele é positivo e define a filosofia que cada pessoa pública acredita (ou, deveria acreditar).

Essa abertura política bipartidária autorizou também que pessoas não afeitas à vida pública pudessem se candidatar e representar sua região. É o caso do ex-vice presidente da República, José Alencar.<sup>4</sup> Ele atuou no ramo comercial até 25 anos

---

<sup>4</sup> Nascido em família pobre, cresceu economicamente por ‘conta própria’ e tornou-se um dos mais ricos e bem-sucedidos empresários do país no ramo têxtil. Entrou para a política nos anos 90 ...

atrás e pode, legitimamente, adentrar à vida política, sem grande problemas ou preconceitos.

Essa liberdade é plausível, pois, foi assim que muitas mulheres, que antes não se envolviam com a vida pública, puderam fazer a diferença em suas comunidades, adentrando à política e assumindo funções sociais. O mesmo se pode dizer de grupos 'excluídos' como negros, homossexuais, indígenas, sem-terras, ruralistas etc. – todos já com suas realidades sendo transformadas pela luta de classes e imposição e exigência dos direitos.

É importante que se esclareça que orientar devidamente a ação de mulheres (assim como dos demais grupos de menor representatividade pública) rumo à vida pública é tarefa das mais difíceis, graças a fatos como os que seguem:

Um estudo consistente da mulher brasileira deve incluir sua vida pública e privada, situação legal, vida familiar, poder político e os papéis econômicos e sociais desempenhados através da história do País, nas várias regiões, tanto nas cidades quanto no campo, e entre os diversos grupos sociais. Não há nenhuma fórmula que possa adequadamente explicar ou resumir a diversidade da vida das mulheres no Brasil. (HAHNER, 1978, p. 10)

Para que se conheça bem um povo é necessária uma imersão em seu passado, grande observação do movimento atual e certa visão de futuro para que possam surgir os primeiros esboços de definições.

Desse modo, também não é possível massificar e apresentar cientificamente o perfil da mulher brasileira como algo pronto, formatado e sem nuances de diferenças de realidades, com linearidade ou agrupamentos volumosos. Esse fenômeno se deve ao fato de o Brasil ser um país de grande extensão territorial, muito populoso, com grande diversidade de classes como cultura, renda, etnia, interesses, profissões, credos, influências e idiosincrasias.

Partindo-se dessa premissa, é ideal que não se massifique e nem se direcione erroneamente estudos e sugestões sobre como fazer uma revolução social e política. Não pelo menos sem antes realizar uma profunda viagem a tudo o que é importante na formação dessa sociedade.

É o que bem explica a autora de 'A mulher no Brasil', June E. Hahner:

O Brasil é e foi uma nação complexa, diversificada e profundamente estratificada. A mistura e também a freqüente falta de fusão entre os três principais grupos raciais, o europeu, o índio e o africano e suas subdivisões desigualmente espalhadas através de uma terra vasta e geograficamente variada, fornecem um ponto de partida para os estudos da história brasileira. [...] As investigações antropológicas da miríade de sociedade indígenas do Brasil, feitas nos Séculos XIX vemos pesquisar os poucos relatos disponíveis sobre sociedades indígenas deixados por viajantes do Século XVI. (HAHNER, 1978, p.11)

Assim, vislumbra-se verificar, historicamente, a participação da mulher na política.

#### 4. A MULHER NA POLÍTICA E NA HISTÓRIA

A luta feminina pela conquista do espaço público não é novidade em nenhuma das sociedades. Historicamente, a mulher (em sociedade e dentro do lar) sempre esteve subjugada aos mandos e desmandos do universo masculino. Porém, um pequeno setor dessa sociedade não se coloca como tal e vai à luta. São as mulheres que fazem a diferença nas decisões importantes que direcionam seu país, sua região.

Questões básicas, como o direito ao voto, vêm sendo definidas ao longo dos séculos mais recentes. Direito a salários compatíveis aos dos homens também é ainda objeto de lutas, pois, a desigualdade tem sido comentada freqüentemente na sociedade contemporânea e, para decepção da aclamada democracia, a desvantagem permanece ainda ao lado das mulheres. O respeito nos ambientes de trabalho e também nos bastidores políticos é algo que se tem conquistado paulatinamente.

No Brasil, o feminismo atual é contemporâneo do movimento de luta contra a ditadura, de reorganização popular e da esquerda. É neste mesmo processo que surge também o PT. Aqui, o feminismo encontrou eco junto a militantes políticas da esquerda, independentes ou de grupos políticos organizados, provenientes da luta contra a ditadura, e que buscavam construir o feminismo colado aos movimentos populares. Para parte significativa das ativistas que se dedicaram à construção do movimento, a luta pela libertação das mulheres não poderia deixar de ser parte integrante de um projeto socialista, nas múltiplas visões existentes desse projeto. (BORBA ET al, 1998, p. 15)

Assim como os negros e indígenas têm lutado pelo seu espaço, também as mulheres precisavam romper fronteiras, exigindo cotas mínimas dentro dos movimentos e outros setores representativos. A atitude é radical e causa polêmicas, mas foi o meio encontrado nos anos 90 para que o espaço feminino fosse considerado e respeitado dentro dos partidos tradicionalmente administrados por homens. É o que se pode perceber pelo comentário trazido pela obra mencionada a seguir.

Os anos 90 também se caracterizaram pela introdução de novas temáticas: as ações afirmativas, as cotas mínimas de mulheres nas direções dos sindicatos, partidos políticos e, mais recentemente, nas

listas de candidaturas aos cargos legislativos, como medidas para muitos debates e reportagens na grande imprensa. Esse é um velho tema das feministas, mas no Brasil só após a democratização tem envolvido em maior número as mulheres. (BORBA ET al, 1998, p. 47)

Como reflexo dos movimentos dos anos 90, a confiança na capacidade da mulher em assumir cargos públicos de extrema e primordial importância vem à tona: “A petista Marta Suplicy é a primeira mulher eleita para representar São Paulo no Senado Federal.”<sup>5</sup>

Este dado é de grande valia numa sociedade que tem reprimido histórica e homericamente suas mulheres.

No Século XX, ser ao mesmo tempo negra e mulher constitui dupla desvantagem; as negras continuam ocupar as posições mais baixas na sociedade. A cor das habitantes das favelas é, em geral, marcadamente mais escura que a das mulheres da classe alta. A “liberação” das mulheres das classes média e alta, com seus crescentes interesses fora da família e do lar, baseia-se em parte no trabalho das mulheres da classe baixa, que cozinham para elas, limpam-lhes as casas, cuidam de suas tarefas e tomam conta de suas crianças. (HAHNER, 1978, p.15)

Não bastassem as dificuldades derivadas do subjugo tradicional vivenciado pela mulher na sociedade, há ainda grande parcela da população brasileira pertencente às raças negra ou mestiça que precisa enfrentar o desafio de romper a barreira do preconceito étnico.

A juíza baiana Luislinda Valois, 66, decretou a primeira sentença aos 9 anos, numa aula de matemática. A filha de Luiz, motoneiro de bonde (responsável por recolocar o carro elétrico no trilho), e da costureira Lindaura estava contente com o compasso de madeira que seu pai havia comprado à custa de muito suor.<sup>6</sup>

Eis o exemplo que melhor apresenta o que acima se argumenta: a juíza Luislinda Valois é conhecida em todo o mundo por ter sido a primeira magistrada

<sup>5</sup> Linha Direta. **Marta será a primeira paulista do Senado.** Disponível <http://www.pt-sp.org.br/noticia/?acao=vernoticia&id=1904>. Acesso 20 maio 2011.

<sup>6</sup> JusBrasil. **A primeira juíza negra do Brasil, Luislinda Valois decretou a primeira sentença aos 9 anos de idade.** Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/noticias/2403169/a-primeira-juiza-negra-do-brasil-luislinda-valois-decretou-a-primeira-sentenca-aos-9-anos-de-idade-numa-aula-de-matematica-conheca-um-pouca-da-magistrada-de-origem-humilde-que-criou-o-balcao-de-justica-e-cidadania-que-resolve-conflitos-em-bairros-p>. Acesso em 05 maio 2011.

afrodescendente do Brasil. No Dia da Consciência Negra (20 de novembro), ela foi uma das principais homenageadas no evento realizado na Praça Castro Alves, em Salvador, para celebrar força, a luta e a negritude.

Quando o professor viu que o material não era de plástico, soltou: 'Você não devia estar estudando, e sim cozinhando feijoada para branca!'. Ainda hoje, 57 anos depois, os olhos da primeira juíza negra e de cabelo rastafári do Brasil se enchem de lágrimas ao lembrar da cena que definiu seu futuro: 'Vou ser juíza para te prender!', sentenciou.<sup>7</sup>

“Luislinda não é mulher de desonrar palavra, mas resolveu usar o poder com gente mais necessitada.”<sup>8</sup>

Mas, ao que parece, tudo isso não vale nada na capital da Bahia. Ao chegar à entrada do camarote, instalado na Praça que leva o nome do poeta abolicionista, ela foi barrada pela segurança. A alegação foi de que a juíza estava sem credencial. O aparente contratempo foi solucionado apenas quando a homenageada foi identificada. “Mas, eu sou a homenageada”, afirmou. Depois do momento constrangedor, a situação foi resolvida. E mesmo com o infortúnio, Luislinda Valois disse à imprensa que se tratava de um momento único em sua vida.<sup>9</sup>

Percebe-se que existe, desde a educação que é dada às mulheres, um erro, difícil de ser corrigido. Mas, cabe às mulheres buscar sua vocação e lutar por aquilo que acreditam. As mulheres reconhecem a importância de sua participação política, mas reconhecem também as dificuldades desta atuação. Por mais que batalhem, parece haver um esforço em ocultar a participação feminina nas realizações e evoluções da sociedade. Conforme bem mencionam Borba Et al (1998, p. 168).

Toda essa dificuldade começa com a educação diferenciada que as crianças recebem em função de seu sexo: meninos são educados para o espaço público, para a disputa, para a competição, e meninas são treinadas desde cedo para as tarefas domésticas.

---

<sup>7</sup> Idem, ibidem.

<sup>8</sup> Blog Bolsa de Maria. **Primeira juíza negra do Brasil**. Disponível em <http://bolsademaria.blogspot.com/2009/11/primeira-juiza-negra-do-brasil.html>. Acesso em 05 maio 2011.

<sup>9</sup> Idem, ibidem.

Para que se saia do campo do “achismo” segue menção do considerado grande estadista francês Charles de Gaulle<sup>10</sup> - que tornou público acreditar que a mulher sequer tenha capacidade de assumir função política. Michelle Perrot (1998) fala em Charles De Gaulle e seu inverossímil comentário sobre a participação feminina nos ambientes de política e administração pública na França, conforme se confere:

A entrada das mulheres na política não é normal em nenhum lugar, quer se trata dos partidos, do legislativo ou do executivo. A política é uma profissão de homens, concebida e organizada no masculino. Em seus ritos, em seus ritmos, em seus horários, em suas formas de sociabilidade, em sua apresentação de si, que molda também a expectativa do público, eventualmente decepcionado por ser representado por uma mulher, porque tem a sensação de ser desvalorizado ou menos bem representado. [...] Quanto ao executivo, as mulheres só têm acesso a ele de maneira marginal. De Gaulle não era partidário: ‘E por que não um ministério do tricô?’ – Replicava ele às críticas feitas sobre esse ponto. (PERROT, 1998, p. 130)

O destino dado às mulheres no Brasil do século XVI era, de fato, o modo mais ‘prático’ de relegá-las ao patamar de parcela menos importante da sociedade. Eram confinadas dentro dos conventos, com ou sem vocação. Atitude masculina endossada por mais de um século.

Prova desse desprezo pela capacidade de envolvimento da mulher na política pública é o que traz a obra de June H. Hahner em que é explicitado o destino que as mulheres tinham no período do Brasil colonial, em que as famílias mais abastadas enviavam suas moças aos conventos baianos ou europeus – isso ocorria porque não havia pretendentes economicamente à altura dessas mulheres ou ainda, porque as famílias em franca decadência não tinham condições de pagar o ‘dote’. Isso fazia com que a mulher fosse ‘sucateada’ nos conventos quando perdia sua utilidade para suas famílias e para as rodas sociais, interessadas em realizar casamentos convenientes.

---

<sup>10</sup> Charles André Joseph Marie de Gaulle, ex-presidente da república da França. Estadista e estrategista foi respeitado líder da primeira e segunda Guerras Mundiais. Foi responsável pela grande retomada econômica francesa e por apoiar a independência de países pequenos como Quebec e Argélia. Governou o país por duas eleições, sendo uma por voto indireto e outra por voto direto da população. Faleceu em 1970. Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre. **Charles de Gaulle**. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles\\_de\\_Gaulle](http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_de_Gaulle). Acesso em 28 abril de 2011.

O matrimônio era um meio social dentro da elite; o mais importante em um noivo era o status e a posição financeira. Além disso, famílias impossibilitadas de prover um dote consistente com suas aspirações sociais poderiam como alternativa confinar suas filhas em conventos. De qualquer forma, das mulheres que tomavam o hábito esperava-se que estivessem buscando uma vida de piedosa contenção e de autonegação. (HAHNER, 1978, p. 40)

Desse modo, fica difícil imaginar como um ser tão secundário socialmente poderia se manifestar e assumir movimentos contra a sua condição de objeto de mera especulação. Desse modo, é compreensível que a falta de liberdade fizesse do Brasil um lugar de poucas e raras mulheres com atuação política.

#### **4.1 Mulheres quebrando barreiras**

O direito ao voto foi uma das conquistas mais importantes do século XX graças à influência de nações mais desenvolvidas e organizadas do ponto de vista socioeconômico. Isso deve-se em muito à influência dos movimentos feministas de que se tenha notícia aqui no Brasil

A emancipação da mulher branca nas últimas décadas, conseqüência direta do próprio desenrolar do sistema socioeconômico e a necessidade de mão-de-obra criada por este também, abriram algumas brechas no regime social de classe e, por isso, alargaram-se, um pouco, as perspectivas das pessoas negras, tanto homens como mulheres.

Há tendências. Uma se refere à administração como ordem individual. A mudança viria lentamente, pela conversão das mentalidades, costumes, legislação. Se cada mulher participasse mais na sociedade, esta se transformaria e igualmente o status do grupo feminino. (PINTO, 1992, p. 123)

Segundo Hahner (*A mulher na política*, 1978), influenciado grandemente pelo movimento feminista norte-americano, o movimento pelo voto das mulheres cresceu fortemente no Brasil. A comparação era que, se nos países mais desenvolvidos, mulheres podiam votar, por que não dar às brasileiras o mesmo direito?

Porém, a peleja levou mais de década para ser resolvida. Em plenos anos 20, a elite brasileira instituiu algo que toda a sociedade usufrui – o voto da mulher é de igual valor ao de todas as demais classes da sociedade.

Em 1922, Carrie Chapman Catt, líder sufragista norte-americana que havia conduzido a luta vitoriosa pela ratificação da emenda constitucional do voto feminino na Constituição dos Estados Unidos, em 1920, falou diante de organizações feministas no Brasil. [...] A lei serviu como caminho tradicional para o sucesso político e aceitação na elite, e algumas mulheres seguiram esse caminho também. Bertha Lutz, bióloga e advogada de São Paulo, primeira mulher a alcançar posição de destaque no Museu Nacional do Rio de Janeiro - o serviço governamental atuou como campo cada vez mais importante para as mulheres no Século XX - foi uma das líderes sufragistas. (HAHNER, 1976, p. 99)

A jornada só teve sua glória em 1932 - com a promulgação da Constituição Federal que deu o direito ao voto feminino à sociedade.

Numa análise da condição feminina na legislação brasileira, o parecer de analistas sociais pode ser considerado mais atual que nunca. Isso prova que as lutas têm caminhado a estreitos passos ou ainda surtido menos reflexos neste segmento da sociedade política brasileira. Tanto que na obra que segue, a própria autora examina que a participação feminina nos grupos de frente da sociedade é ainda escassa e também responsável pelo atual baixo percentual participativo. A autora aponta a necessidade de a mulher interagir mais, se engajar e mudar suas mentalidades. É o que se apresenta e se critica na obra 'A Dimensão Política da Mulher' da socióloga Maria Conceição Corrêa Pinto (1992, pág. 82).

O movimento feminista organizou-se no Brasil desde 1970 e, sobretudo após o Ano Internacional da Mulher 1975. Diversificou-se em grupos que geralmente evoluíram do individualismo para a consciência sociopolítica. Mas há uma resistência à participação política estatal por temor de perda da autonomia.

Maria Conceição Corrêa Pinto também exemplifica um dos momentos em que a mulher toma a frente de suas necessidades sociais, quando a mulher saiu de sua posição individual e foi à luta pelo interesse coletivo. A autora mostra, porém, que de fato existe resistência da maioria de governantes que temem perder seus lugares diante da "invasão feminina (1992, p. 83).

Vale lembrar que o Dia Internacional da Mulher é, comemorado na data de 8 de março, uma vez que neste dia, em 1857, operárias de uma fábrica de tecidos, situada na cidade norte-americana de Nova Iorque, fizeram uma grande greve. Ocuparam a fábrica e começaram a reivindicar melhores condições de trabalho, tais

como, redução na carga diária para dez horas (as fábricas exigiam 16 horas de trabalho diário), equiparação de salários com os homens (as mulheres chegavam a receber até um terço do salário de um homem para executar o mesmo tipo de função) e tratamento digno dentro do ambiente de trabalho. A manifestação foi reprimida com total violência. As mulheres foram trancadas dentro da fábrica, que foi incendiada. Aproximadamente 130 tecelãs morreram carbonizadas, num ato totalmente desumano.

Porém, somente no ano de 1910, durante uma conferência na Dinamarca, ficou decidido que o 8 de março passaria a ser o "Dia Internacional da Mulher", em homenagem as mulheres que morreram na fábrica em 1857. Mas somente no ano de 1975, através de um decreto, a data foi oficializada pela ONU (Organização das Nações Unidas).<sup>11</sup>

A condição para o surgimento dos movimentos feministas tem sido também as causas comunitárias das camadas mais desfavorecidas. As mulheres das classes sociais mais pobres, dada sua realidade, são as que mais levantam “bandeira” pelo respeito aos seus direitos e aos direitos de sua comunidade. A autora critica também o comum estado de comodismo das mulheres de classe média: que raramente lutam por questões coletivas/ comunitárias. Assim, BUITONI complementa:

As mulheres de classes populares subalternas despertaram em primeiro lugar para a organização da comunidade. E passa a integrar a esse objetivo o outro da valorização da pessoa do sexo feminino. Da atuação política surgiu a necessidade de rever a divisão dos papéis de homens e mulheres na sociedade. Fizeram nesse ponto o caminho inverso das mulheres de classe média. É interessante: o apelo político nas classes subalternas foi para as mulheres mais forte e determinante. (BUITONI, 1981, p. 91)

## 4.2 Maria Quitéria – uma brasileira diferente

Exemplo de mulher que desbrava a história e enfrenta o sistema predominantemente masculino, Maria Quitéria foi um grande marco de consciência política e coragem.

No mais famoso entre os casos brasileiros, Maria Quitéria de Jesus disfarçou-se de homem e foi combater os portugueses na Bahia. De

---

<sup>11</sup> Grupo Inconfidência. **O “dia internacional da mulher”: outra fraude comunista.** Disponível em <http://www.grupoinconfidencia.com.br/jornais/138/mulher.php>. Acesso em 08 maio 2011.

certo modo ela seguia a trilha das garotas aventureiras que percorreram as estradas da Europa medieval disfarçadas de rapazes, procurando assumir os bem mais interessantes papéis masculinos, mesmo que temporariamente. De qualquer modo, muitas mulheres do interior do Brasil sabiam montar e atirar em legítima defesa. (HAHNER, 1978, pg. 49)

Eis, então, um dos raros casos em que a mulher tomou a frente num movimento social no decorrer do século XIX, o que mostra o destaque que o fato teve. Como se pode verificar, era uma mulher do campo, que não tinha grandes fortunas ou educação regular, mas que fez a diferença em seu tempo:

Ela é iletrada, mas inteligente. Sua compreensão é rápida e sua percepção aguda. Penso que, com educação ela, poderia ser uma pessoa notável. Não é particularmente masculina na aparência; seus modos são delicados e alegres. Não contraiu nada de rude ou vulgar na vida do campo e creio que nenhuma imputação se consubstanciou contra sua modéstia. (BUIIONI, 1981, p. 52)

O que se entende é que a história da mulher na vida pública tem sido um grande desafio, pois, seu espaço nunca foi priorizado e, muitas vezes, pouco respeitado. Alguns estudiosos entendem que este fenômeno que restringe o acesso feminino a políticas públicas é algo universal e tem sido combatido aos poucos, envolto a muita luta. Essa realidade é geradora de preconceito em virtude do menor tempo de experiência política das mulheres, isso sem considerar que os homens dificultam o acesso: existe muita resistência, muitas vezes se percebe que as próprias mulheres não confiam nas mulheres.

É o que se pode perceber pela análise dos estudiosos da política Ângela Borba, Nalu Faria, Tatau Godinho e Marta Suplicy na obra 'Mulher e Política', conforme excerto:

Sabemos, pela realidade nacional e internacional, o quanto tem sido difícil para o movimento de mulheres ganhar espaços e mudar procedimentos nos quais as longas e sedimentadas tradições e cultura masculinas nos acabaram por naturalizar a exclusão das mulheres. É evidente, também que o espaço da política é, dentre os domínios da ação pública, aquele que mais resiste às transformações. Se o mercado de trabalho e o sistema educacional, por exemplo, passaram a incorporar mulheres, diminuindo de alguma forma a enorme distância que as separa da participação dos homens, é na vida política que encontramos os maiores e mais urgentes obstáculos à integração das mulheres à cidadania. (BORBA Et al, p. 1998)

O envolvimento político das mulheres na sociedade brasileira não surgiu em um piscar de olhos. O processo de inclusão da mulher na política deve-se, em grande parte, ao movimento feminista do Partido dos Trabalhadores (PT), que desbravou o ambiente masculino e sua resistência para que o espaço e os direitos das mulheres passassem a ser respeitados.

Muitas dessas mulheres vinham das classes populares, essas ativistas lutaram pela liberdade e pelas garantias de seus direitos. Conforme os autores Ângela Borba, Nalu Faria, Tatau Godinho, Marta Suplcy do livro ‘Mulher e Política’, onde:

Discutir o Partido dos trabalhadores e o feminismo é discutir uma relação rica e conflituosa, cheia de possibilidades, mas que, ao mesmo tempo, enfrenta obstáculos cotidianos, e que se estabeleceu na vida do Partido dos Trabalhadores desde sua fundação. (BORBA ET al, 1998, p. 15)

### **4.3 Dilma Rousseff - um marco na política brasileira**

A mineira Dilma Vana Rousseff<sup>12</sup>, filha de imigrante búlgaro, criada nos moldes tradicionais da sociedade mineira, já na adolescência despertou para a política se unindo à Organização Revolucionária Marxista – que na época fazia oposição ao Partido Comunista Brasileiro.

Na faculdade de economia, afiliou-se ao Comando de Libertação Nacional – isso em plena ditadura militar, no ano de 1967. Como se vê, o envolvimento com política e senso de atitude já estavam ligados a sua personalidade.

Pelos atos e posturas de rebeldia e protestos, Dilma viveu na clandestinidade para que não fosse presa pelo governo militar. Mesmo assim, sob o título de “subversiva”, foi presa em 1970 e assim permaneceu até 1973 – quando o Superior Tribunal Militar concedeu a graça da soltura.

Tornou-se secretária de Estado do governo gaúcho, já filiada ao PDT (Partido Democrático Trabalhista). Nos anos 80, foi secretária da Fazenda da Prefeitura de Porto Alegre. Nos anos 90, assumiu a presidência da Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul, além de assumir a Secretaria de Estado

---

<sup>12</sup> UOL Educação. **Dilma Rousseff**. Disponível em <http://educacao.uol.com.br/biografias/dilma-rousseff.jhtm>. Acesso em: 29 maio 2011.

de Energia, Minas e Comunicações por dois mandatos consecutivos dos governadores gaúchos Alceu Collares e Olívio Dutra.

No início dos anos 2000, “Dilma Rousseff foi ministra da pasta das Minas e Energia (entre 2003 e junho de 2005), passando a ocupar o cargo de Ministra-Chefe da Casa Civil desde a demissão de José Dirceu de Oliveira e Silva, em 16 de junho de 2005, acusado de corrupção.”<sup>13</sup>

Após alguns conflitos com membros do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) – relacionados ao presidente anterior, Fernando Henrique Cardoso – Dilma Rousseff tornou-se peça-chave do governo Lula. Em fevereiro de 2010, já era a grande aposta do PT (Partido dos Trabalhadores) para disputar as eleições de outubro do mesmo ano.

A presidente eleita teve todo o respaldo do ex-presidente Lula para angariar votos e criar seu eleitorado, o primeiro de sua jornada política, uma vez que não havia se candidatado antes de 2010.

Em campanha acirrada como o oponente, José Serra, Dilma Rousseff foi eleita com boa vantagem eleitoral e, agora, é, historicamente, a primeira presidente mulher do Brasil.

Ao tomar posse, no dia 1º de janeiro de 2011, discursando no Congresso Nacional, Dilma afirmou: “Meu compromisso supremo [...] é honrar as mulheres, proteger os mais frágeis e governar para todos! [...] A luta mais obstinada do meu governo será pela erradicação da pobreza extrema e a criação de oportunidades para todos”.<sup>14</sup>

Assim, foram mais de 40 anos lutando pelas causas em que acreditou. Conquistou 56% dos votos válidos no segundo turno das eleições presidenciais e é a maior representante do Partido dos Trabalhadores.

É figura de grande influência não só no País, como na América Latina e também fora do continente americano. Enfrentou problemas graves de saúde, mas em nenhum momento de sua campanha eleitoral se ouviu mencionar a “desistência”.

Assim, verificar o papel dos meios de comunicação neste contexto é de fundamental relevância, haja vista sua influência na sociedade contemporânea.

---

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Idem.

## 5. MEIOS DE COMUNICAÇÃO, GOVERNO E LIBERDADE DE EXPRESSÃO

A condição para o surgimento dos movimentos feministas tem sido também as causas comunitárias das camadas mais desfavorecidas. As mulheres das classes mais desfavorecidas, dada sua realidade, são as que mais levantam a “bandeira, pelo respeito aos seus direitos e de sua comunidade, além de brigar pelo reconhecimento na vida pública. Em sua obra ‘A mulher de papel’, Dulcília Helena Schroeder Buitoni (1981, p. 50) critica também o comum estado de comodismo das mulheres de classe média: que raramente lutam por questões coletivas/comunitárias. É o que se verifica em a “Dimensão Política da Mulher”:

Em outras palavras, buscamos a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. Ou ainda, os significados desse conceito — mulher - que também é a razão de ser de todos os veículos. Que estereótipos, modas, modelos, modismos, estrangeirismos, nacionalismos, enfim, qual a ideologia que foi transmitida em mais de um século, período de grandes transformações em nossa sociedade? Em que medida a imprensa, como fator cultura, difundiu conteúdos que influíram na formação da consciência da mulher brasileira? (BUITONI, 1981, p. 3).

Desde 1950, quando Assis Chateaubriand revolucionou a comunicação com a implantação da TV brasileira, este veículo tem sido administrado por homens. Esse fato certamente é um dos determinantes do desinteresse social que existe entre as mulheres no que diz respeito às normas e direitos.

Podemos afirmar isso com base no conteúdo disseminado em programas direcionados ao público feminino, nos quais, muitas vezes, os temas de debate não despertam a consciência mais profunda acerca das mazelas da administração pública e suas vertentes. Seria importante que este poderoso veículo de comunicação, além dos demais existentes, colaborasse com o cultivo de uma consciência social maior e que gerasse resultados realmente importantes na sociedade brasileira. É o que afirma Dulcília Buitoni (1981, p. 5):

A separação qualidades idéias/realidade, que já é um dado cultural, também está na imprensa feminina. Aliás, sem adiantar conclusões, essa imprensa tem colaborado para que a separação permaneça e aumente. Anteriormente, comentamos que o jornalismo informativo não é muito usado pela imprensa feminina: logo, próprio tratamento da matéria não favorece ligação mulher/mundo. Nesse sentido,

outro chavão é o “mundo da mulher”. Realmente, tenta-se criar um mundo da mulher para que ela fique só dentro dele e não saia dali.

Vemos nas principais mídias que a coordenação e a direção dos programas e colunas têm optado por manter homens nas funções jornalísticas de grande responsabilidade social. É o exemplo dos comentários políticos dos grandes jornais, ficando, então, a mulher com responsabilidades relacionadas a comentários sobre comportamento, moda e demais assuntos secundários. Partilha dessa opinião a autora Dulcília Helena Shroeder Buitoni, que arremata:

Atualidade e imprensa feminina não mantêm laços muito estreitos. Mesmo quando tratam da realidade, a indeterminação temporal é muito grande. Os artistas, as pessoas famosas que ocupam a maioria das páginas de “realidade” de uma revista feminina também atingiram certa atemporalidade. Um perfil de um ator pode ser publicado num mês, ou no próximo. Quase sempre a imprensa feminina utiliza matérias que no jargão jornalístico são chamadas de “frias”: matérias que não têm uma data certa de publicação, que podem aparecer hoje ou semanas depois. A atualidade passa longe da imprensa feminina. Isso acentua o seu desligamento com o mundo real e o seu caráter mais “ideológico”. (BUITONI, 1981, pg. 5)

O que se pode perceber por intermédio da imprensa ativa no Brasil é que o Estado interfere muito na sociedade. Não se tem total liberdade de imprensa, diversos veículos se aliam a partidos políticos, muitos são os proprietários, então, a comunicação não é totalmente imparcial. A maioria das concessões de antenas existentes, possivelmente, foram “negociadas” no período da ditadura militar para atender às filosofias governamentais a troco de se explorar comercialmente os veículos como rádio e televisão.

Esse detalhe fundamental na história da comunicação e influência das massas deixa seu legado: o grande desinteresse que os brasileiros têm pela política, pela importância do seu voto e pelos principais passos dados na administração pública brasileira, como se pode verificar a seguir:

A tese é sustentada também por RIDENTI (1992), que coloca a ditadura militar vivida pelo País como o principal fator de desinteresse da sociedade brasileira por questões políticas. Segundo o autor, o ‘congelamento’ da evolução nas questões do ensino, da comunicação, a proibição às greves e às manifestações estudantis e,

sobretudo, a manipulação de ideias tinham como principal agente fomentador os canais de televisão. Ainda RIDENTI afirma que o governo militar:

[...] fez o possível para que o povo deixasse os interesses coletivos nas mãos de especialistas do governo. A ideologia difundida era a de que cada membro da sociedade deveria dar o máximo de si para colaborar no projeto de desenvolvimento do país, formulado de cima para baixo por técnicos, intelectuais, políticos e militares do governo, que saberiam melhor do que ninguém os caminhos para a felicidade e o desenvolvimento da Nação. Quando essa ideologia mostrou seus limites e a ditadura militar finalmente terminou, a incapacidade do governo Sarney de realizar as transformações esperadas e de combater a corrupção e a impunidade generalizadas também contribuiu para o desencanto com a política e com os políticos. (RIDENTI, 1992, p. 85)

Assim, fica duvidoso que se afirme que há democracia nos meios de comunicação no Brasil. Ainda que fora do período de governo militar, o poder público ainda exerce suas formas de domínio em relação ao conteúdo veiculado, sobretudo, pelas emissoras de rádio e televisão. É o caso da TV Cultura, hoje administrada pelo governo estadual paulista.

Mas, nem só dessas mídias vive o País. Empresas de comunicação impressa visivelmente estão atreladas aos interesses políticos regionais e nacionais. Sobretudo, em épocas de eleições, quando entrevistas “pertinentes” são publicadas de acordo com os interesses editoriais.

Receber uma comunicação “limpa”, sem interferências ideológicas de cunho político-administrativo, é algo que precisa ser alcançado por meio da exigência da sociedade brasileira. Ainda assim, é preciso que a população se interesse pelo tema, adentre mais à realidade política para, então, exigir posturas mais coerentes e éticas por parte da imprensa.

É a postura a que se refere José Marques de Melo em sua obra *Comunicação, Teoria e Política* (1998, p. 14), conforme:

Pensar a comunicação como um direito de todos na sociedade configura uma luta cujo resultado depende da mobilização, perseverança e combatividade da Sociedade Civil. [...] E este tem sido o grande obstáculo para lograr uma comunicação democrática na América Latina. Porque as nossas sociedades se construíram a partir do edifício colonial, em cima estruturas cimentadas pelo estado. (MELO, 1998, p. 14)

Diversos países da América Latina passaram por uma ditadura militar, os jornalistas muito sofreram, tiveram sua liberdade de expressão cerceada, tudo o que se comentava nos veículos de comunicação tinha que ser revisado pela censura. Muita coisa era vetada, portanto, a comunicação sofreu um forte abalo, não se podia dizer, escrever ou mostrar sem a devida aprovação do estado. A comunicação sofreu muito com a ditadura e carregamos essa herança até hoje.

O estado sempre atende aos interesses de multinacionais e garante privilégios a poucos. Veículos de comunicação fazem acordos com o governo para que suas dívidas tributárias sejam extintas. Há troca de favores, o veículo beneficiado faz propaganda favorável ao governo e evita falar a verdade, ou coloca as coisas de um ponto de vista que faz a grande massa crer que os agentes públicos não estão errados.

A grande massa não sabe analisar com a devida malícia as coisas e culmina por aceitar as idéias que a mídia vende, seja certas ou erradas. Mas, o povo brasileiro, árduo em sua luta e resistente, criou meios de comunicação alternativos que tem crescido e sido a voz dos mais necessitados, mais carentes.

O Estado possui uma tal onipresença nas sociedades latino-americanas que inibe, neutraliza, amortiza a ação das instituições que aglutinam as forças populares ou ligadas aos estratos intermediários da atividade produtiva. Percebe-se que a sociedade Civil começa a se fortalecer na América Latina. Mas sua luta tem se concentrado no combate à violência, na resistência ao desemprego, à fome, à marginalização social. Enfim, na oposição aos Estados autoritários, que servem com docilidade aos interesses multinacionais e garantem os privilégios das minorias nacionais ociosas. Nesta luta, as instituições da sociedade civil lograram criar e desenvolver meios próprios de comunicação, em vista das barreiras e dos impedimentos de acesso aos meios de comunicação de massa. Criaram, portanto canais de comunicação alternativa ou de comunicação popular, que têm florescido e esmaecido em função do próprio combate que realizam.

A política sempre foi um jogo de interesses. O ideal político é lutar por melhorias, regras, normas que facilitem a vida de toda população e não apenas de uma minoria. A política é feita por militantes, por representantes de classes, por pessoas que lutam por seus direitos. Ela deveria ser pensada e realizada do individual para o coletivo.

Sempre há interesses em jogo, sejam dos empresários, sejam dos trabalhadores, dos funcionários públicos.

Segundo Marx, não seria possível fazer uma análise da política destacada da economia e da sociedade. A atuação política seria inseparável da maneira pela qual os homens se relacionam entre si para produzir riquezas. Trata-se de perceber a realidade social como totalidade, em que uma dimensão, um aspecto, um elemento do real só pode ser compreendido em relação ao conjunto. Porém, a totalidade social não é orgânica, harmoniosa, como pensam os positivistas, e sim uma totalidade contraditória, conflitiva, composta de partes que aparentemente são integradas, mas no fundo guardam incompatibilidade entre si, o que impulsiona a realidade social a transformar-se continuamente, seguindo em movimento perpétuo. De modo que nada é eterno, absoluto. A história é uma roda-viva. (RIDENTI, 1992, p. 26)

Na sociedade brasileira, os jovens são muito distantes da política, poucos demonstram seu interesse. Dificilmente encontramos jovens conversando sobre política, lutando por direitos, por igualdade. A audiência nos programas de TV está quase sempre atrelada a programas que tratam sobre assuntos com conotação sexual, sempre são dos que tem sexo, ou que realizam brincadeiras para denegrir a imagem do outro. Isso é atestado por órgãos como o a audiência e também do IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), conceituado grupo de pesquisas que tem como foco a mensuração do número de telespectadores que assistem a canais televisivos na chamada TV aberta.

Estes são os conteúdos inseridos na televisão brasileira e que preenchem e distraem os telespectadores em busca da audiência. O vazio e o desinteresse unem-se, de mãos dadas, em nome da alienação.

Grupos musicais como “É o Tchan”, programas televisivos como o Pânico na TV, são exemplos de produtos culturais que tem feito a alegria das emissoras. Nossa sociedade parte para um caminho triste de jovens e sociedade sem politização. Nas novelas, muito se relata a estória de pessoas querendo se dar bem a todo custo, sem pensar no próximo, pessoas que cometem atos ilícitos e saem impunemente. O padrão de ideal que as personagens transferem ao grande público é o mais repugnante e vazio possível – muita estética e pouco conteúdo. Nesse sentido, a mulher é induzida a não se interessar por assuntos importantes que realmente determinam o futuro de suas vidas.

É importante se vislumbrar o aspecto geral desse fator midiático, pois, antigamente, na época da ditadura, os jovens saíam às ruas, lutavam, reivindicavam. Ao imaginarmos a ditadura ocorrendo hoje, talvez chegássemos à conclusão de que não haveria jovens para lutar, mudar as injustiças sociais.

O fenômeno “Caras Pintadas” foi ilusão, ou uma farsa?

Os jovens que ali estavam nem ao certo sabiam o porquê. Não se sabe com certeza se é herança da ditadura, ou falta de interesse mesmo, ou a crença de que nada mudará – os jovens de hoje estão assim, sem lutar por nada, em busca apenas dos objetivos individuais.

Toma-se a liberdade, inclusive, de questionar até onde a imprensa da época não determinou o processo que culminou na cassação do ex-presidente Fernando Collor de Mello. A dúvida existe verdadeiramente por se perceber que o desinteresse político daquele momento era tão intenso que, dificilmente, os jovens da época insistiriam a ir a público, por livre e espontânea vontade, para protestar. Assim como acontece atualmente..

A impressão que se tem é que a mesma sociedade jovem daquele período tem se comportado de modo parecido, transparecendo ser uma sociedade de pouco conteúdo cultural, de fortes traços de consumo e, o mais triste, constantemente chamada de ‘massa de manobra’.

A sociedade brasileira tem sido considerada pelos analistas como despolitizada. Seus cidadãos seriam, na maioria, desinteressados politicamente, cada um tratando de cuidar de seus interesses particulares, deixando as decisões governamentais que vêm prontas de cima para baixo, devendo ser cumpridas independentemente de nossas vontades individuais. (RIDENTI, 1992, p. 84)

Pretende-se, destarte, verificar como a mulher vê a política e a si mesma neste novo contexto social engendrado pela participação da mulher na tomada de decisões político-sociais.

## 6. MULHERES PIONEIRAS NA POLÍTICA REGIONAL – PESQUISA QUALITATIVA

Aqui, se apresentam algumas narrativas que mostram a participação da mulher na política regional.

Como em todo processo de avanço social, há sempre os primeiros a enfrentarem o novo. Não foi diferente com as mulheres. Elas são o exemplo de que a vida pública é responsabilidade de todos e não um privilégio do universo masculino.

Faz-se necessário que se mencione o fato de que erros e acertos pertencem a todas as classes, seja qual for a natureza da missão. Falhas e deslizes igualam os seres humanos, todos são passíveis de erros, não cabendo a ninguém, além da justiça, dar seu veredito.

A primeira mulher a ser eleita deputada estadual do Brasil foi Maria do Céu Fernandes (1910 – 2001), nascida em Currais Novos, no Rio Grande do Norte e também eleita a primeira prefeita da América do Sul. Fundadora de um colégio e do jornal Galvanópolis, ela comandou a imprensa local em campanha pela emancipação da mulher por meio do voto, em 1918. No ano de 1934, Maria do Céu já se candidatava à Assembleia Estadual pelo PP (Partido Popular). Eleita, enfrentou grandes ameaças por parte da resistência da oposição:

[...] sob o patrocínio da Interventoria Federal, começa a haver atos de ostensiva intimidação de parlamentares opositores, sendo Maria do Céu vítima de tentativas de envenenamento. [...] Os deputados só voltam na véspera da posse, sob a proteção do Exército. Com o golpe de 1937, a Assembleia foi fechada. Maria do Céu fez oposição ao Estado Novo e, na redemocratização, retirou-se das atividades partidárias para se dedicar à família.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> ALVES FILHO, Garibaldi. **Maria do Céu Fernandes – a primeira deputada**. Disponível em <http://www.senado.gov.br/senadores/senador/garibaldi/fernande.asp>. Acesso em 24 maio 2011.

## 6.1 Mulheres presentes na política da região de Bauru – São Paulo

### 6.1.1 Ivana Maria Bertolini Camarinha

Historicamente, também uma mulher assume o poder na cidade de Pederneiras<sup>16</sup>, interior paulista. Ivana Maria Bertolini Camarinha tem 44 anos, é casada e possui dois filhos.

Em entrevista de fundamental importância para a produção do presente trabalho, a prefeita deu sua opinião sobre os principais aspectos de sua vida pública e detalhes sobre as dificuldades e alegrias que a vida política lhe trouxe, além do modo como lida com preconceitos e falsas convicções de um pequeno grupo de opositores. Na entrevista, Ivana Camarinha fala também de sua experiência e a responsabilidade de administrar uma cidade inteira.

### 6.1.2 Maria José ‘Majô’ Jandreice – primeira vereadora de Bauru – São Paulo

Apesar de algumas mulheres terem assumido cadeiras na Câmara Municipal de Bauru<sup>17</sup>, Maria José “Majô” Jandreice foi a primeira a assumir titularmente e cumprir o mandato em uma dos 17 assentos da Câmara. Majô, como é conhecida, concedeu gentilmente entrevista na qual conta um pouco sobre sua trajetória política e sobre a realidade da mulher no ambiente público-administrativo. Conforme também poderá ser verificado logo a seguir.

---

<sup>16</sup> Cidade do centro-oeste paulista, fundada há 120 anos e está em pleno desenvolvimento rural e urbano. A população é de 41.497 habitantes – segundo o IBGE. **Pederneiras**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 26 maio 2011.

<sup>17</sup> Cidade do Centro-oeste paulista, fundada há 117 anos e tem sua principal atividade econômica no comércio varejista. A população é de 343.937 habitantes – segundo o IBGE. **Bauru**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 26 maio 2011.

## **7. RESULTADOS DA PESQUISA QUALITATIVA**

### **7.1 Justificativa**

Há a necessidade de se entrevistar mulheres políticas para que se verifique o que se coletou nas bibliografias e se apresentou no presente levantamento.

### **7.2 Objetivos**

7.2.1 Gerais: conhecer um pouco sobre a história da vida pública de duas mulheres que foram eleitas.

7.2.2 Específicos: saber o que estas mulheres pensam a respeito da própria condição feminina atuando dentro de um campo tradicionalmente

### **7.3 Metodologia**

A metodologia aplicada foi a de questões abertas em pesquisa qualitativa/exploratória – para que melhor se possa avaliar o que pensam as entrevistadas a respeito do tema escolhido e para que se pudesse dar mais flexibilidade às respostas – produzindo, assim, melhor resultado na análise.

### **7.4 Limitações**

As entrevistas foram realizadas via correio eletrônico (coleta dos dados), não foram feitas presencialmente. Conforme já mencionado, ambas foram diplomadas na era pós-ditadura, portanto, em um período recente – o que oferece aspectos atuais e não muito antigos na história do País. De seis mulheres pré-selecionadas, apenas duas responderam às questões.

## 7.5 Apresentação dos resultados

<b>1. A Presença da mulher na política se intensificou. Como a senhora analisa essa evolução?</b>	
<b>Ivana Camarinha – primeira prefeita de Pederneiras</b>	Conquistamos Direitos. Num passado recente da política brasileira (até 1932), não tínhamos nem direito a voto, e também se deve a uma maior conscientização por parte das pessoas, de direitos e deveres de todos e também por passarmos a enxergar a política como meio efetivo de transformação da sociedade [...]
<b>Majô Jandreice – primeira vereadora de Bauru</b>	Considerando que no Brasil apenas em 1932 as mulheres tiveram direito ao voto [...] Ocupamos hoje espaços em todas as áreas, mas o da política estamos muito aquém. Poucas são as mulheres nos espaços de poder. Esse ainda é o grande desafio. São muitos os fatores que contribuíram para essa pequena participação. Destacamos alguns como os culturais, discriminatórios, o machismo, a menor escolaridade, a dupla jornada, e tantos outros históricos que consideram as mulheres cidadãs de segunda categoria (no Brasil e no mundo) No Brasil tivemos ainda o agravante do período da ditadura militar que impediu a organização dos diversos movimentos sociais e partidários e entre eles os de mulheres que se encontravam em ascendência nos anos 60.

Tabela 1 – A Presença da mulher na política se intensificou. Como a senhora analisa essa evolução?

Transformação da sociedade, este foi o grande motivo da presença da mulher na vida pública, segundo Ivana Camarinha. Ela lembra o que foi citado no presente trabalho: a legislação brasileira só autorizou o voto feminino há 80 anos. A prefeita lembra também que esse fator foi uma conquista de direitos – ou seja, as mulheres não foram simplesmente agraciadas, houve lutas.

Majô Jandreice igualmente salienta que o direito ao voto é algo recente no Brasil e acredita que a presença da mulher nos espaços públicos precisa ser acentuada. Ela acredita que, além do machismo existente no meio, fatores como educação e dupla jornada de trabalho precisam ser revistas.

Outro aspecto já mencionado na presente pesquisa é o fato de a ditadura militar ter “congelado” a vida política do País. Para Majô, nesse período, houve um freio às classes em ascensão na década anterior – o que atrasou a evolução das categorias, principalmente das mulheres.

## **2. Quais os momentos mais importantes da mulher na vida pública do**

<b>país. Por quê?</b>	
<b>Ivana Camarinha – primeira prefeita de Pederneiras</b>	<p>A Princesa Isabel foi a primeira mulher a governar o Brasil [...] fato marcante no país. Hoje, uma presidente mulher assume com votos diretos da população brasileira, isto é um fato muito relevante para todas nós mulheres.</p> <p>Algumas mulheres foram precursoras em eleições, tivemos e temos governadoras, prefeitas, vereadoras e candidatas à presidência como a Heloísa Helena e, na última eleição, duas mulheres concorreram, Marina Silva e Dilma Rouseff, e ambas foram reconhecidas pelo potencial político.</p>
<b>Majô Jandreice – primeira vereadora de Bauru</b>	<p>Até os anos 1930: a luta abolicionista, a luta pela independência, pelo direito a educação, pelo direito ao voto, a participação nas greves operárias a partir de 1906 onde aparecem as primeiras reivindicações de salário igual para trabalho igual [...].</p> <p>Entre 1930 e 1963: mobilização política das mulheres em defesa da democracia na era Vargas. Surgiu a União Feminina ligada a ULN – União Libertadora Nacional [...].</p> <p>Nesse período [...] surge a União Federal de Mulheres, a Federação das Mulheres, nasce o Jornal do movimento feminino.</p> <p>Entre 1964 e 1979 um período de desarticulação do movimento de mulheres e de resistência à ditadura. [...]</p> <p>Entre 1975 e 1985: década marcada pelo ressurgimento dos movimentos organizados de mulheres com o processo de abertura democrática do Brasil e a influência dos grandes movimentos feministas da Europa EUA que começam a chegar.</p> <p>A ONU cria a década da mulher. O movimento de mulheres teve papel político de destaque pela anistia, contra a carestia, defesa creches, formação de muitos clubes de mães. [...]</p> <p>De 1985 até nossos dias: [...] ganham força a participação das mulheres nos partidos políticos, a campanha das Mulheres Sem Medo do Poder em 1996 comandada pela Deputada Martha Suplicy, a aprovação da lei que instituiu as cotas de 30% nos partidos para disputa eleitoral daí em diante.</p> <p>Em 2003, há a criação da Secretaria Nacional de Mulheres com status de ministério, a realização de duas grandes conferências Nacionais e que instituiu o Plano Nacional de Políticas para Mulheres. Merece destaque a Lei Maria da Penha em 2006 que reconheceu a violência doméstica como crime e instituiu as medidas protetivas.</p> <p>Outros dados são significativos nessa última década, como a participação de 42% no mercado de trabalho.</p> <p>Toda essa trajetória de lutas das mulheres contribuiu para a eleição de Dilma, Presidente da República, e a indicação de mulheres para diversos Ministérios e postos de relevância dentro do Governo. Com certeza será um dos marcos históricos desta década.</p>

Tabela 2 – Quais os momentos mais importantes da mulher na vida pública do país. Por quê?

Conforme se argumentou no presente trabalho a mulher brasileira foi fortemente influenciada pelos movimentos estrangeiros como aqueles ocorridos nos Estados Unidos pelo sufrágio nos anos 20 e, agora, citado por Majô Jandreice, a influência do movimento feminista europeu dos anos 1980. Porém, ambas as entrevistadas entendem que a eleição de Dilma Rousseff à presidência do País é um marco de grande importância.

Os desdobramentos políticos ora vividos também são citados como formas conseqüentes de atitudes no passado, atitudes que envolveram mulheres em suas épocas, como a Lei Áurea, a fundação da União Federal de Mulheres e também a Lei Maria da Penha.

<b>3. Houve avanços, mas há muito a se fazer. O que a senhora acredita fazer falta para que as mulheres conquistem mais espaço na vida política?</b>	
<b>Ivana Camarinha – primeira prefeita de Pederneiras</b>	Envolvimento das próprias mulheres. Muitas vezes preferimos nos envolver com temas e trabalhos com menos julgamentos e cobranças. [...] Outro fato que pesa, é que ainda hoje e na maioria das vezes, a mulher carrega consigo as responsabilidades familiares junto com a carreira profissional, sem tempo para se dedicar à política que, embora vista por muitos, como profissão, não é, e sim um engajamento opcional.
<b>Majô Jandreice – primeira vereadora de Bauru</b>	[...] nos falta a ocupação igualitária dos espaços de poder. Será preciso garantir o EMPODERAMENTO das mulheres e o fim da discriminação de gênero. Isto só será possível com ações concretas como: <ul style="list-style-type: none"> <li>- encontrar condições objetivas para diminuir a dupla jornada de trabalho para que as mulheres tenham tempo disponível para o exercício da política.</li> <li>- que os partidos incorporem as mulheres em seus fóruns permanentes e não somente nas eleições, garantindo a capacitação e a formação política de mulheres</li> <li>- enfrentamento à opressão e discriminação fundadas em classe, gênero, raça e etnia.</li> <li>- enfrentamento à violência doméstica;</li> <li>- garantir uma educação não sexista, tanto na família como no espaço escolar [...]</li> <li>- afirmar as mulheres como sujeitos políticos, de direito, inseridas na vida social, política, econômica e cultural do país.</li> </ul>

Tabela 3 – Houve avanços, mas há muito a se fazer. O que a senhora acredita fazer falta para que as mulheres conquistem mais espaço na vida política?

O excesso de responsabilidades do universo feminino na cultura brasileira fica visível nas respostas acima. A dupla jornada, a falta de ter com quem dividir as tarefas domésticas, tarefas de mãe e de organizadora do lar são mencionadas em ambas as respostas sobre os motivos de se ainda ter um número pequeno de mulheres na vida pública.

<b>4. Fale um pouco sobre sua trajetória na política e seu interesse pela vida pública.</b>	
<p><b>Ivana Camarinha</b> – primeira prefeita de <b>Pederneiras</b></p>	<p>Desde bem criança convivo de perto com a política. [...] (já adulta) fiquei mais próxima do governo cuidando do fundo social e creches, e era considerada a primeira dama. [...] Foi um despertar para a política, porém, jamais tinha pensado em disputar um cargo eletivo.</p> <p>[...] (Candidatura à prefeitura) Resolvi assumir esta parada cheia de convicções, assustei num primeiro momento minha própria família, que logo aderiu à idéia e me ajudou muito.</p> <p>[...] Pessoalmente, fui chamada de dondoca que não sabia sequer fritar um ovo e queria mandar na cidade [...]. Em pleno palanque minha saúde foi questionada: se eu viveria para cumprir um mandato (passei, aos 35 anos, por um câncer de mama e até isso foi explorado). Fui tratada pelos adversários de uma maneira muito preconceituosa e até mesmo pelo meu vice que, no fundo, não aceitava não ser ele, como homem, o cabeça da chave. Mas tinha algo dentro de mim que me fortalecia e sempre me dava esperança de ganhar, isso é fé. Deus não nos abandona: é assim que eu vejo.</p> <p>[...] Fui candidata à reeleição, por mais que as pessoas me falavam que estava tranqüilo [...] no fundo pensava “agora vou ser avaliada. Será que serei aprovada?”. [...] Deu certo e obtive quase 82 % dos votos válidos.</p>
<p><b>Majô Jandreice</b> – primeira vereadora de <b>Bauru</b></p>	<p>[...] em meados dos anos 70. Eu não tinha muita compreensão do momento social e político que o país passava. Estava na Faculdade - ITE, cursando Serviço Social. Participei de movimento de reabertura do Diretório Acadêmico que estava fechado (o período ainda final da ditadura). [...] Em 1979, participei de um Congresso de Serviço Social em São Paulo, a grande greve de metalúrgicos de 78, o movimento pelo fim da ditadura ecoavam muito forte.</p> <p>[...]</p> <p>Nos anos 80, já trabalhando como Assistente Social [...] convivi com pessoas que estavam voltando do exílio [...]. Comecei a participar do movimento de fundação da Associação Estadual dos Assistentes Sociais, depois no de Funcionários Públicos da Saúde de Estado de São Paulo... Retornei a Bauru, continuei no movimento sindical [...]. O momento político era pelas Diretas Já, e eu estava lá!</p> <p>Em 1985, com mais quatro pessoas, me filiei e comecei a</p>

	organizar o PCdoB <sup>18</sup> [...]. Continuei na luta sindical até a minha eleição para vereadora em 1992. Nesses anos participei de movimentos sociais, de mulheres, integro a direção local e estadual do partido, o PCdoB <sup>19</sup> . Na atual gestão municipal exerci o cargo de Secretária Municipal de Educação durante o ano de 2009.
--	---

Tabela 4 – Fale um pouco sobre sua trajetória na política e seu interesse pela vida pública.

Pelas declarações das entrevistadas, pode-se notar que a vida pública teve início durante a juventude, conduzidas por parentes ou pela própria categoria – classe a que pertenciam. Como se percebe, após a familiarização com o sistema vigente em cada circunstância, as políticas seguiram por vontade própria se envolvendo, acompanhando os passos daquela realidade a qual estavam ligadas. Ou seja, a vida pública não surgiu de modo instantâneo, mas sim, foi desenvolvida por anos de trabalho junto à sociedade e aos movimentos sociais.

<b>5. Quais os momentos mais relevantes na sua vida política e seu envolvimento com as questões públicas?</b>	
<b>Ivana Camarinha – primeira prefeita de Pederneiras</b>	[...] o mais relevante foi ganhar a primeira eleição, que me permitiu desenvolver um trabalho político, pensar na gestão e definir linhas de trabalho. Duas obras na saúde me orgulham muito. Um delas, o Centro de Atenção à Saúde da Mulher, [...] Outra conquista de que me orgulho para a saúde municipal é a UPA (Unidade de Pronto Atendimento da Secretaria Estadual da Saúde). Ainda em construção, esse novo Pronto Socorro irá ampliar, dinamizar e tornar o atendimento à saúde ainda mais humano.
<b>Majô Jandreice – primeira vereadora de Bauru</b>	Penso que a descoberta do “Brasil real” da década de 70 e não apenas a propaganda dos “90 milhões em ação e prá frente Brasil do meu coração”, do Governo Militar. Outro momento foi a participação nos movimentos pro - constituinte em 86 e 87, a filiação e organização do partido em 85, recém saído da clandestinidade e que era muito difícil falar em partido comunista. Ainda a minha eleição em 1992, em que fui a primeira mulher a ser eleita e empossada na Câmara Municipal de Bauru (duas outras anteriormente tinham assumido por um curto tempo, pois eram suplentes). Também, o acontecimento recente da eleição da Dilma [...].

Tabela 5 – Quais os momentos mais relevantes na sua vida política e seu envolvimento com as questões públicas.

<sup>18</sup> Partido Comunista do Brasil em Bauru

<sup>19</sup> Partido Comunista do Brasil.

Em comum entre as entrevistadas, o momento da eleição é o mais marcante na vida pública. Porém, importante se faz apontar que os demais momentos mostrados por elas são de cunho amplo e definitivo na vida das sociedades em que ambas vivem, ou seja, movimento pró-constituente e conclusão de uma obra da saúde municipal.

<b>6. Que mulheres a senhora acredita serem relevantes no cenário político mundial e brasileiro?</b>	
<b>Ivana Camarinha</b> – <b>primeira</b> <b>prefeita</b> <b>de</b> <b>Pederneiras</b>	<p>Indira Ghandi, primeira ministra da Índia, em sua luta pelos direitos sociais.</p> <p>Margareth Thatcher, primeira ministra do Reino Unido [...] foi reconhecida mundialmente pela capacidade de governar resolvendo problemas econômicos que perduravam há tempo.</p> <p>Angela Merkel, chanceler da Alemanha que comanda um país tão rico.</p> <p>Michelle Bachelet, eleita presidente do Chile, se tornando exemplo para toda América Latina.</p> <p>Evita Peron, com seu carisma, foi amada pela população Argentina, principalmente os mais carentes.</p> <p>Luiza Erundina, prefeita de São Paulo e deputada federal por quatro mandatos, exemplo de honestidade, competência, trabalho e simplicidade.</p> <p>Heloisa Helena é destemida, a favor das minorias, personalidade forte que sempre age por suas próprias convicções.</p> <p>Marina Silva: analfabeta até os 16 anos teve problemas de saúde, mas sem desanimar estudou, trabalhou e constantemente luta por um país mais justo, exemplo para todos de superação e perseverança.</p> <p>Dilma Rouseff, primeira mulher eleita presidente do Brasil, lutou contra a ditadura ajudando a promover a liberdade atual. [...]</p> <p>Madre Tereza de Calcutá: mesmo sem cargo, em sua trajetória promoveu uma política de justiça social e a favor da vida. Exemplo disto está na sua frase: “Não permita que ninguém saia da sua presença sem se sentir melhor ou mais feliz”.</p>
<b>Majô Jandreice</b> – <b>primeira</b> <b>vereadora</b> <b>de</b> <b>Bauru</b>	<p>Presidenta Dilma e as ministras (Ideli Salvati, Maria do Rosário, Miriam Belchior, Luiza de Bairros, Tereza Campelo, Iriny Lopes, Helena Chagas, Izabela Teixeira e Ana de Holanda).</p> <p>Ainda as senadoras Marta Suplicy, Vanessa Graziotini, as deputadas Luiza Erundina, Manoela Dávila (foi campeã de votos com 482 mil votos), Marina Silva, 3ª colocada na disputa a presidência.</p> <p>Também a Governadora Roseana Sarney, e a ministra do Tribunal Superior do Trabalho, Dra Delaide Miranda.</p>

	Fora do Brasil, coloco Angela Merkel, 1ª ministra da Alemanha; Hillary Clinton, Secretária do Governo EUA; Rainha Elizabeth (mesmo sem poder direto); Michele Obama; Michelle Bachelet, ex-presidente do Chile, que está na ONU.
--	--

Tabela 6 – Que mulheres a senhora acredita serem relevantes no cenário político mundial e brasileiro?

Em relação ao País, ambas entrevistadas se referem a Dilma Rousseff como um marco histórico. Além desse fato, outras demais mulheres do cenário mundial são citadas, comprovando que a mulher tem adentrado aos grandes quadros da política no Brasil e no mundo.

<b>7. Como política, você não acha que é incompatível pretender igualdade de condições entre homens e mulheres, no que se refere a salários, cargos, títulos e continuar defendendo menor tempo para alcançar a aposentadoria?</b>	
<b>Ivana Camarinha – primeira prefeita de Pederneiras</b>	Pergunta difícil. Muitos pontos devem ser analisados. Um deles é a questão da fisiologia do organismo feminino. Mesmo a mulher vivendo mais que o homem, ela sofre com fatores hormonais, como menopausa e TPM, o que a faz enfraquecer mais precocemente que o homem. A questão da dupla jornada é outro ponto importante. Ainda hoje, os afazeres domésticos cabem mais às mulheres. É preciso um amadurecimento da sociedade com uma divisão mais justa e termos mais tempo para buscarmos cargos, títulos e salários. São questões a serem pensadas, mas acredito que seria correto definir a aposentadoria pelo tipo de serviço prestado durante a vida. Algumas profissões são insalubres e mais desgastantes que outras. Então, a discussão deve ser pela profissão e não pelo sexo. É preciso estudar o caso.
<b>Majô Jandreice – primeira vereadora de Bauru</b>	Não que é incompatível. Pois se considerarmos as questões históricas e só a dupla jornada já seria motivo suficiente para continuar defendendo o tempo menor para aposentadoria. Também é preciso considerar a maternidade, não só o ato de parir, mas de criar, cuidar e acompanhar os filhos. Fisicamente a mulher é diferente. Pelo menos por enquanto esse direito deve ser garantido. Não quer dizer que daqui algum tempo a situação da mulher se modifique, aí será possível verificar essa mudança, mesmo porque as coisas não são imutáveis na história dos homens e das mulheres.

Tabela 7 – Como política, você não acha que é incompatível pretender igualdade de condições entre homens e mulheres, no que se refere a salários, cargos, títulos, e continuar defendendo menor tempo para alcançar a aposentadoria?

A questão colocada costuma ser foco de debates e questionamentos por parte da sociedade. Ambas as entrevistadas concordam em manter a postura de defender a diferença em tempo de serviço, uma vez que a mulher tem particularidades físicas que exigem mais e comprometem em maior grau a condição de saúde no decorrer da vida.

## **7.6 Considerações sobre a pesquisa**

Acredita-se ter sido adequada a escolha da pesquisa qualitativa por dar mais abertura às respostas. Como se pode confirmar, as entrevistadas ficaram à vontade para utilizar suas próprias palavras e dar seus pareceres pessoais ao assunto pautado. Também foram positivos os resultados no sentido de que cada entrevistada pode focar detalhes mais importantes de cada questão – de acordo com seus critérios e, em nenhum momento, fugindo à pergunta formulada. Acredita-se que esses detalhes devem-se à escolha do tipo de pesquisa e questionário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que se possa concluir de modo condizente a apresentação dos resultados, há que se considerar que as entrevistadas exerceram suas funções públicas nas décadas mais recentes. Assim, se pode chegar a conclusões sobre pessoas que vivenciam hoje o papel da mulher na vida pública e o modo como aconteceram suas inserções na esfera política de suas regiões.

As mulheres que freqüentam o cenário político, há décadas, vivenciam um patamar menos acessível o que mostra que levaram muitos anos para se tornarem representativas e figurarem no alto escalão, como é o caso de Luiza Erundina, Marta Suplicy, Marina Silva e também da atual presidente Dilma Rousseff.

Há que se citar também que quando se trata de eleger nomes de mulheres expressivas politicamente, as entrevistadas respondem um número não muito elevado de mulheres que consideram representativas. Hoje, já se percebem mulheres fazendo história em suas carreiras políticas de modo mais explícito.

As dificuldades de mulheres em conquistar seu espaço no ambiente público existem e insistem ainda, conforme foi comentado no item 3 (página 15) do presente trabalho – a educação formou homens para a vida pública e mulheres para a vida doméstica.

Essa dificuldade social foi argumentada nos itens 3.1 e 3.2 (páginas 19 e 21, respectivamente) onde a mudança de mentalidade global vem sempre após a luta pelos direitos e pela instituição de leis de apoio. Foi o que aconteceu no movimento sufragista, na exigência de cotas para mulheres nos partidos brasileiros e também nas sempre lutas por igualdade salarial.

Importante reforçar a ideia de que questões coletivas foram determinantes para a entrada dessas mulheres à vida pública. O ambiente masculino foi sendo adentrado por mulheres que partiram em busca do bem de suas comunidades e pela melhoria da realidade social do País. Pela profundidade do que foi conhecido na realização do presente trabalho, podem-se extrair importantes lições a respeito da “Presença da Mulher na Política” e suas vertentes. Acredita-se que em termos de quantidade a sociedade não se encontra estagnada, pois, muitas mulheres têm tomado a frente em nome de causas coletivas. O ideal é que esse número seja crescente também em relação ao comprometimento.

Outro aspecto analisado é a resistência que existe por parte dos homens em relação à mulher no poder. Fica claro que a conquista dos direitos das mulheres não surge da noite para o dia e nem sem lutas que façam alterar a legislação brasileira. Observa-se também que a necessidade de respeito e melhor estrutura são os fatores que mais impulsionam a mulher a tomar rumos políticos. Somando-se a isso, estão fatores de influência externos como movimentos que ocorrem em outros países e que ganham força graças aos movimentos feministas.

Aprendeu-se que as imposições masculinas impregnaram a sociedade brasileira de modo muito marcante, pois, até poucas décadas atrás, a mulher não tinha sequer direito ao voto. Acredita-se que muito se deve ao Partido dos Trabalhadores cujas grandes figuras estimularam a participação da mulher na vida pública, sendo o primeiro partido a propor a criação de cotas para mulheres para que estas pudessem concorrer a cargos eletivos.

Por meio do presente levantamento conclui-se também que os meios de comunicação de massa são de fundamental importância na disseminação de ideias e sua conseqüente organização social, pois, eles fazem parte da cultura e do cotidiano do País. Afinal, pode-se perceber que na área urbana há lares que tem mais de um aparelho televisor, mais de um rádio, mais de um computador, além de outros meios. Isso significa atenção aos veículos de comunicação e seus conteúdos – é a audiência. Portanto, os meios de comunicação precisam, sim, rever seus conteúdos e a qualidade de suas programações.

Acredita-se que o fato de analistas apontarem a população brasileira como ‘despolitizada’ (conforme RIDENTI, 1992 – que está na página 33 do presente trabalho) deve-se a muitos fatores, entre eles, alguns apresentados neste trabalho.

O primeiro fato influenciador dessa realidade é a questão da mídia – que nem sempre está bem direcionada a despertar o interesse pelos atos governamentais.

O segundo foi mencionado como fator de exclusão feminina do universo político, mas acaba por atingir a população de modo abrangente – que é a questão da dupla jornada de trabalho vivida pela mulher brasileira.

Em terceiro, o período de ditadura militar condicionou o cidadão a não pensar muito nisso, é o que se pode perceber pela citação também de RIDENTI (1992 – disponível na página 29 do presente levantamento). A ditadura atrasou o Brasil por, pelo menos, três décadas – a isso também se deve o fato de as mulheres estarem menos envolvidas em movimentos sociais.

Este aspecto é de fundamental importância porque reflete diretamente na atual conjuntura política. Assim, a superação do período de ditadura militar tem sido 'derrubada' todos os dias com a inserção das mulheres na vida pública. É o que se pode verificar tanto pela realidade política das entrevistadas quanto pela eleição de Dilma Rousseff.

Outro aspecto citado e de grande relevância é a questão da sobrecarga do cotidiano feminino, o que se deve, em muito, à cultura e à educação. O que se deseja, aqui, não é uma revolução avassaladora sem pé, nem cabeça, mas sim que a mulher brasileira receba educação suficiente para revolucionar a realidade. É importante que se destaque que a educação tem papel primordial para que a sociedade se reorganize de modo positivo, fazendo com que boas ideias, boas intenções e boas atitudes possam surgir cada vez mais, independentemente do sexo ou de qualquer outra condição humana.

Espera-se que a realização desse trabalho frutifique em muitos novos estudos sobre o tema, que é muito profundo, além de conter vertentes diversas.

Sempre lembrando que as ideias e propostas estão à frente de tudo, independentemente do sexo ou classe social dos candidatos aos pleitos. Deseja-se, assim, que novas pesquisas sejam realizadas trazendo à tona mais dados que possam contribuir para o bom desenvolvimento social, oportunizando a participação democrática na política brasileira e a compreensão do papel da mídia para a construção de tais espaços, do contrário resta apenas a legitimação do preconceito e da desigualdade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 6022: Informação e documentação – Artigo em publicação periódica científica impressa – Apresentação.** Rio de Janeiro, 2003.

Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 6023: Informação e documentação – Referências – Elaboração.** Rio de Janeiro, 2002.

Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 6024: Informação e documentação – Numeração progressiva das seções de um documento escrito – Apresentação.** Rio de Janeiro, 2003.

Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 6027: Informação e documentação – Sumário – Apresentação.** Rio de Janeiro, 2003.

Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 6028: Informação e documentação – Resumo.** Rio de Janeiro, 2003.

Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 10520: Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação.** Rio de Janeiro, 2000.

Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 12225: Informação e documentação – Lombada – Apresentação.** Rio de Janeiro, 2004.

Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14724: Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos — Apresentação.** Rio de Janeiro, 2005.

BORBA, Ângela; FARIA, Nalu; GODINHO, Tatau; SUPLICY, Marta. **Mulher e Política.** São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de Papel.** São Paulo: Summus Editora, 1981.

HAHNER, June E. **A mulher no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1978.

KOTLER, Philip. **Princípios de marketing**. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

MACFARLANE, L. J. **Teoria Política Moderna**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

MELO, José Marques. **Comunicação, Teoria e Política**. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PINTO, Maria Conceição Corrêa. **A dimensão política da mulher**. São Paulo: Paulinas, 1992.

RIDENTI, MARCELO. **Política Pra Quê?** 8 ed. São Paulo: Atual, 1992.

RUSS, Jacqueline. **Dicionário de filosofia**. Democracia. São Paulo: Scipione, 1994.

RUSS, Jacqueline. **Dicionário de filosofia**. Democracia. São Paulo: Scipione, 1994 apud MONTESQUIEU, Charles-Louis Secondat. **Do espírito das Leis**. Liv. 2, cap. 2, t. 1, p. 131. Paris: Garnier-Flammarion, 1748.

## ANEXO 1 – Carta Convite

### Carta Convite

Eu Ana Carolina, aluna concluinte do curso de jornalismo da Universidade Sagrado Coração de Bauru – USC; estou desenvolvendo TCC sobre o tema “Presença da Mulher na Política”, e gostaria de convidá-la a participar deste projeto monográfico respondendo a algumas questões abertas pré-elaboradas por mim e por meu professor orientador Ms. Marcelo da Silva.

Fico ao aguardo de um retorno, certa de que sua participação será fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa que visa desvelar a evolução da mulher na vida pública e a importância do elemento feminino na legitimação da democracia brasileira.

Desde já agradeço pela atenção.

---

Ana Carolina Villa Gonzalez  
Aluna do curso de Jornalismo da USC

---

Marcelo da Silva  
Prof.Orientador

## ANEXO 2 – Entrevista integral com Prefeita Ivana

1- A Presença da mulher na política se intensificou. Como você analisa essa evolução?

**Resposta:** Conquistamos Direitos. Num passado recente da política brasileira (até 1932), não tínhamos nem direito a voto, e também se deve a uma maior conscientização por parte das pessoas, de direitos e deveres de todos e também por passarmos a enxergar a política como meio efetivo de transformação da sociedade, necessitando da participação de todos sem preconceito de raça, credo, sexo, escolaridade e idade, hoje mais pessoas jovens participam da vida política, desta maneira as várias comunidades são representadas, através desta conscientização que estamos conquistando espaço.

2- Quais os momentos mais importantes da mulher na vida pública do país. Por quê?

**Resposta:** A Princesa Isabel foi a primeira mulher a governar o Brasil e, através da Lei Áurea, libertou os escravos, fato marcante no país. Hoje, uma presidente mulher assume com votos diretos da população brasileira, isto, um fato muito relevante para todas nós mulheres. Através da presidente Dilma, estamos valorizadas, confirmando que temos capacidade tal qual os homens.

Algumas mulheres foram precursoras em eleições, tivemos e temos governadoras, prefeitas, vereadoras e candidatas a presidência como a Heloísa Helena e na última eleição duas mulheres concorreram, Marina Silva e Dilma Rousseff, e ambas foram reconhecidas pelo potencial político.

A todas estas mulheres rendo homenagens pela coragem, luta e exemplo.

3- Houve avanços, mas há muito a se fazer. O que você acredita fazer falta para que as mulheres conquistem mais espaço na vida política?

**Resposta:** Envolvimento das próprias mulheres. Muitas vezes preferimos nos envolver com temas e trabalhos com menos julgamentos e cobranças. A vida pública, ao mesmo tempo em que é gratificante, causa falta de privacidade, e sempre a pessoa fica exposta ao julgamento de todos.

Outro fato que pesa, que ainda hoje e na maioria das vezes, a mulher carrega consigo as responsabilidades familiares junto com a carreira profissional, sem tempo para se dedicar à política que, embora vista por muitos como profissão, não é, e sim um engajamento opcional. Além disso, cargos são passageiros.

4- Fale um pouco sobre sua trajetória na política e seu interesse pela vida pública.

**Resposta:** Desde bem criança convivo de perto com a política. Meu pai sempre militou, foi vereador, prefeito por duas vezes. Durante sua segunda gestão minha mãe já havia falecida, então fiquei mais próxima do governo cuidando do fundo social e creches, e era considerada a primeira dama. Uma experiência ótima, mesmo que totalmente diferente do que ser prefeita. Foi um despertar para a política, porém, jamais tinha pensado em disputar um cargo eletivo.

Depois de 8 anos fora do cenário político de Pederneiras, não foram poucos os pedidos para que meu pai, o Sr. Giácomo M. Bertolini, voltasse para Prefeitura, porém sua saúde já não era a mesma: 3 AVC's , problema cardíaco e depressão impossibilitavam tua volta como candidato de oposição. Não era uma simples eleição, mas uma disputa muito acirrada. Resolvi assumir esta parada cheia de

convicções, assustei num primeiro momento minha própria família, que logo aderiu a idéia e me ajudou muito.

Foi a verdadeira luta de Davi contra Goliás. Foi muito duro, pois fizemos uma campanha simples embasada em propostas e idéias, sem agressão. Toda equipe unida sofreu poucas e boas. Pessoalmente fui chamada de dondoca que não sabia sequer fritar um ovo e queria mandar na cidade (somos eleitos para trabalhar, organizar e servir, e não para mandar. Já começa daí). Em pleno palanque minha saúde foi questionada: se eu viveria para cumprir um mandato (passei, aos 35 anos, por um câncer de mama e até isso foi explorado). Fui tratada pelos adversários de uma maneira muito preconceituosa e até mesmo pelo meu vice que, no fundo, não aceitava não ser ele, como homem, o cabeça da chave. Mas tinha algo dentro de mim que me fortalecia e sempre me dava esperança de ganhar, isso é fé. Deus não nos abandona: é assim que eu vejo.

Enfim, uma pessoa desconhecida do cenário político de Pederneiras, fui ganhando adesão e carinho das pessoas e chegou um dos momentos mais marcantes da minha vida: ganhar a primeira eleição.

Fui candidata a reeleição, por mais que as pessoas me falavam que estava tranquilo, parece mentira, mas estava mais insegura do que a primeira vez, no fundo pensava “agora vou ser avaliada. Será que serei aprovada?”. Antes eu era a filha do Giácomo e agora era eu mesma. Deu certo e obtive quase 82 % dos votos válidos. Foi uma recompensa e, ao mesmo tempo, um impulso para continuar a trabalhar.

**5-** Quais os momentos mais relevantes na sua vida política e seu envolvimento com as questões públicas.

**Resposta:** Longe de outro, o mais relevante foi ganhar a primeira eleição, que me permitiu desenvolver um trabalho político, pensar na gestão e definir linhas de trabalho.

Ganhei, sou prefeita de todos. A eleição passou e as disputas partidárias ficaram para trás. Trabalhar agora é prioridade. Com certeza o ser humano, e tudo que é necessário para o seu bem estar, é agora o foco do meu trabalho. A mulher, diferente do homem, usa além da razão o coração, pois, na maioria das vezes, somos criadas para sermos mães e isto não nos abandona nunca, o que é bastante favorável na hora de desenvolver nosso trabalho.

E dessa forma, com o coração, trabalhamos em todos os campos da vida pública.

Para nós a educação é fundamental. Investimos em ótimas escolas, mais creches, bons professores e material didático de qualidade, ensino profissionalizante com o SENAI e o Centro de Capacitação e Geração de Renda, enfim, bom aprendizado para garantir um bom futuro.

Nossa Saúde é prioridade. Pederneiras passou de 18 médicos na rede pública, no início da gestão, para 42, muitos deles especialistas em áreas da saúde que, até então, não tinha atendimento no próprio município. Duas obras na saúde me orgulham muito. Um delas, o Centro de Atenção à Saúde da Mulher, foi e continua sendo um divisor de águas quando se trata de cuidado da saúde da mulher pederneirense. Lá, trabalhamos com prevenção, descobrindo precocemente câncer de mama, útero, ovário, dando acompanhamento e tratamento humanos, evitando mortes precoces e dando dignidade às nossas mulheres. Equipamentos novos e de última geração, garantem que 100 % das gestantes do SUS façam o pré-natal adequado e obrigatório. Outra conquista de que me orgulho para a saúde municipal é a UPA. Ainda em construção, esse novo Pronto Socorro irá ampliar, dinamizar e tornar o atendimento à saúde ainda mais humano.

No Social, que é uma das áreas mais importantes da administração pública, implantamos uma nova maneira de pensar: substituímos o atendimento puramente assistencialista pelo humanista. Ou seja, o verbo dar deu lugar para os verbos incluir, socializar e humanizar. Aqui, não damos o peixe, e sim a varinha para que cada um possa prover seu próprio alimento. Tudo essa mudança de atitude, gerou inclusão social das pessoas na sociedade e melhoria da sua auto-estima.

A Cultura, Lazer, Turismo e outras áreas antes pouco valorizadas na administração pública ganharam mais vida na minha gestão, à exemplo, o Centro Cultural “Izavam Ribeiro Macario”, símbolo de persistência e luta política e fruto do resgate histórico e da reestruturação da antiga Estação Ferroviária, que estava abandonada havia anos.

O Meio ambiente é questão de sobrevivência. Não descansarei enquanto não resolver o problema do nosso lixo. Conquistamos os recursos e estamos esperando as licenças ambientais para a construção do Aterro Sanitário e de uma usina de reciclagem de lixo, para, assim, protegermos definitivamente nossos solos e rios da contaminação causada pelos lixões. Somados a estes esforços, estamos cuidando dos animais de rua, da nossa mata ciliar e dos nossos córregos, pois acreditamos num amanhã mais saudável para se viver.

Governar é dividir o cobertor para atender a todas as áreas e todos os seres humanos nas tuas diferentes necessidades e sem nenhum tipo de distinção.

**6-** Que mulheres você acredita serem relevantes no cenário político mundial e brasileiro?

**Resposta:** Vou citar algumas, mas com certeza muitas foram relevantes no cenário político mundial independente de cargos.

Índira Ghandi, primeira ministra da Índia, em sua luta pelos direitos sociais.

Margareth Thatcher, primeira ministra do Reino Unido conhecida como a dama de ferro, foi reconhecida mundialmente pela capacidade de governar resolvendo problemas econômicos que perduravam a tempo.

Angela Merkel, chanceler da Alemanha que comanda um país tão rico.

Michelle Bachelet, eleita presidente do Chile, se tornando exemplo para toda América Latina.

Evita Peron, com seu carisma, foi amada pela população Argentina, principalmente os mais carentes.

Luiza Erundina, prefeita de São Paulo e deputada federal por quatro mandatos, exemplo de honestidade, competência, trabalho e simplicidade.

Heloisa Helena é destemida, a favor das minorias, personalidade forte que sempre agi por tuas próprias convicções.

Marina Silva: analfabeta até os 16 anos, teve problemas de saúde, mas sem desanimar estudou, trabalhou e constantemente luta por um país mais justo, exemplo para todos de superação e perseverança.

Dilma Rousseff, primeira mulher eleita presidente do Brasil, lutou contra a ditadura ajudando a promover a liberdade atual. Acredito que, para mim e para todos nós brasileiros, significa esperança.

Madre Tereza de Calcutá: mesmo sem cargo, em sua trajetória promoveu uma política de justiça social e a favor da vida. Exemplo disto está na sua frase: “Não permita que ninguém saia da sua presença sem se sentir melhor ou mais feliz”.

Podem ter certeza que muitos políticos homens, influentes e reconhecidos, têm por trás uma mulher, mãe, esposa, filha ou amiga, que, mesmo desconhecida, o apóia e o impulsiona ao sucesso.

Como política, você não acha que é incompatível pretender igualdade de condições entre homens e mulheres, no que se refere a salários, cargos, títulos, e continuar defendendo menor tempo para alcançar a aposentadoria?

Pergunta difícil. Muitos pontos devem ser analisados. Um deles é a questão da fisiologia do organismo feminino. Mesmo a mulher vivendo mais que o homem, ela sofre com fatores hormonais, como menopausa e TPM, o que a faz enfraquecer mais precocemente que o homem.

A questão da dupla jornada é outro ponto importante. Ainda hoje, os afazeres domésticos cabem mais às mulheres. É preciso um amadurecimento da sociedade com uma divisão mais justa e termos mais tempo para buscarmos cargos, títulos e salários. São questões a serem pensadas, mas acredito que seria correto definir a aposentadoria pelo tipo de serviço prestado durante a vida. Algumas profissões são insalubres e mais desgastantes que outras. Então, a discussão deve ser pela profissão e não pelo sexo. É preciso estudar o caso.

**7-** Como política, você não acha incompatível pretender igualdade de condições entre homens e mulheres, no que se refere a salários, cargos, títulos etc. e continuar defendendo, por exemplo, tempo menor para aposentadoria?

**Resposta:** Pergunta difícil. Muitos pontos devem ser analisados. Um deles é a questão da fisiologia do organismo feminino. Mesmo a mulher vivendo mais que o homem, ela sofre com fatores hormonais, como menopausa e TPM, o que a faz enfraquecer mais precocemente que o homem.

A questão da dupla jornada é outro ponto importante. Ainda hoje, os afazeres domésticos cabem mais às mulheres. É preciso um amadurecimento da sociedade com uma divisão mais justa e termos mais tempo para buscarmos cargos, títulos e salários. São questões a serem pensadas, mas acredito que seria correto definir a aposentadoria pelo tipo de serviço prestado durante a vida. Algumas profissões são insalubres e mais desgastantes que outras. Então, a discussão deve ser pela profissão e não pelo sexo. É preciso estudar o caso.

**8-** Gostaria de acrescentar alguma informação?

**Resposta:** Penso que a disputa de cargos não deve ficar entre os sexos, mas por planos de governo e metas traçadas para o desenvolvimento do país. Já está comprovado que apesar de poucas mulheres no cenário político, temos capacidade de nos organizar e defender as causas na qual acreditamos. Precisamos ser educadas e preparadas culturalmente para assumirmos cargos políticos e não deixarmos sempre para os homens.

Hoje, no Brasil, a grande maioria das mulheres envolvidas com política entra na vida pública devido à influência exercida por parentes políticos, geralmente do sexo masculino. Porém, quando assumimos um cargo, agimos pela nossa consciência, sempre mais progressistas, ligadas a questões sociais e fazendo tudo embasado na razão e no coração, que é uma característica feminina. Espero que outras mulheres, mesmo sem um laço familiar político, entrem para vida pública. Ambos os sexos se completam e formam um país melhor.

### ANEXO 3 – Entrevista integral com Majô Jandreice

1- A Presença da mulher na política se intensificou. Como você analisa essa evolução?

**Resposta:** Considerando que no Brasil apenas em 1932 as mulheres tiveram direito ao voto e que em 1934 tivemos a primeira mulher eleita e constituinte do Brasil, e que 76 anos após elegemos a primeira mulher presidente, avançamos! Ocupamos hoje espaços em todas as áreas, mas o da política estamos muito aquém. Poucas não as mulheres nos espaços de poder. Esse ainda é o grande desafio.

São muitos os fatores que contribuíram para essa pequena participação. Destacamos alguns como os culturais, discriminatórios, o machismo, a menor escolaridade, a dupla jornada, e tantos outros históricos que consideram as mulheres cidadãos de segunda categoria (no Brasil e no mundo...). No Brasil tivemos ainda o agravante do período da ditadura militar que impediu a organização dos diversos movimentos sociais e partidários e entre eles os de mulheres que se encontravam em ascensão nos anos 60.

2- Quais os momentos mais importantes da mulher na vida pública do país. Por quê?

**Resposta:** São muitos. Desde o império as mulheres brasileiras marcaram presença nos momentos decisivos há construção da história do país. Merece destaque alguns períodos como:

- até os anos 1930: a luta abolicionista, a luta pela independência, pelo direito a educação, pelo direito ao voto, a participação nas greves operárias a partir de 1906 onde aparecem as primeiras reivindicações de salário igual para trabalho igual (o trabalho eram nas grandes tecelagens e outros) Essas reivindicações trabalhistas tiveram reflexos na Constituição de 32.

- de 1930 a 1963: O destaque é a mobilização política das mulheres em defesa da democracia na era Vargas. Surgiu a União Feminina ligada a ALN – União Libertadora Nacional, que em 1935 quando é colocada na ilegalidade muitas mulheres são presas, quando se inicia o Estado Novo.

Nesse período cresceram as organizações de mulheres, surge a União Federal de Mulheres, a Federação das Mulheres, nasce o Jornal do movimento feminino. No período da guerra Federação colhe um milhão de assinaturas contra a bomba atômica e fazem campanha contra o envio de tropas/ soldados para a guerra. Em 1963 foi realizada a 1ª Conferência da mulher trabalhadora em São Paulo.

O crescimento do movimento de mulheres passou a ser considerado a partir 62 uma ameaça e os militares passam a investir nas mulheres para a defesa da Democracia, da Liberdade e da Família (contra os comunistas...). Foi criada a Liga da Mulher Democrática, organizada pelas esposas dos generais para apoiar ao golpe de 64....

Os movimentos de mulheres criados antes de 64 e a Federação de mulheres são cassados e proibidos. A partir daí as mulheres se integram aos movimentos de resistência.

- de 64 a 1979: O período é de desarticulação do movimento de mulheres e de resistência à ditadura. Em 1968 merece destaque o movimento de mães em defesa dos filhos na repressão estudantil, principalmente após a grande marcha em defesa da democracia. Os movimentos de mulheres se engajaram nas lutas mais gerais do país e não por direitos específicos de mulheres.

- de 1975 a 85: A década é marcada pelo ressurgimento dos movimentos organizados de mulheres com o processo de abertura democrática do Brasil e a influência dos grandes movimentos feministas da Europa e EUA que começam a chegar.

A ONU cria a década da mulher. O movimento de mulheres teve papel político de destaque pela anistia, contra a carestia, defesa creches, formação de muitos clubes de mães, a criação dos Conselhos Estaduais da Condição Feminina. Nas eleições de 1982 participam em número expressivo. Merece destaque a abertura política e partidos de esquerda na legalidade – PEB, PCB, PCdoB - que passam a contar com grande número de mulheres filiadas.

As eleições de 1986, tem um grande destaque pelo movimento pela constituinte e participação de candidaturas femininas, onde 26 são eleitas e ficaram conhecidas como o “ loby do batom”, pois fazem um grande movimento no Congresso Nacional em busca da garantia na lei da paridade entre homens e mulheres.

- 1985 até nossos dias: Os anos 90 trazem um grande desmonte dos movimentos de mulheres , quando ganha força o período do neoliberalismo – no mundo e Brasil-, reforçado na era Collor. Se intensificam as lutas pelo direito a saúde da mulher, contra a mortalidade materna.

Mas, ganham força a participação da mulheres nos partidos políticos, a campanha das Mulheres Sem Medo do Poder em 1996 comandada pela Deputada Martha Suplicy, a aprovação da lei que instituiu as cotas de 30% nos partidos para disputa eleitoral daí em diante.

Em 2003, há um grande salto com a criação da Secretaria Nacional de Mulheres com status de ministério, a realização de duas grandes conferências Nacionais e que instituiu o Plano Nacional de Políticas para Mulheres. Em Governos estão se constituindo Secretarias e Coordenadorias de mulheres. Merece destaque a Lei Maria da Penha em 2006 que reconheceu a violência doméstica como crime e institui as medidas protetivas.

Outros dados são significativos nessa última década, como a participação de 42% no mercado de trabalho.

Toda essa trajetória de lutas das mulheres contribuiu para a eleição de Dilma, Presidente da República, e a indicação de mulheres para diversos Ministérios e postos de relevância dentro do Governo. Com certeza será um dos marcos históricos desta década.

**3-** Houve avanços, mas há muito a se fazer. O que você acredita fazer falta para que as mulheres conquistem mais espaço na vida política?

**Resposta:** Houve avanços. Mas, temos que considerar que a conquista do poder é lenta, mesmo as estatísticas demonstrando que desde o ano 2000, segundo o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) já éramos 50,48% dos eleitores. Hoje chegamos a 52% e podemos afirmar que o Brasil é mulher! Mas, nos falta a ocupação igualitária dos espaços de poder.

A instituição de cotas desde 1995, como uma experiência de ação afirmativa tem sido um instrumento importante para garantir a presença das mulheres nos partidos, sindicatos e outros espaços de poder, mas, só isto não basta. O desejo de mudança desse cenário não é só no Brasil, mas de maneira geral em todo mundo., tanto que 98 países adotaram legislações de cotas para mulheres, pois as mulheres representam em média 16% dos ocupantes dos parlamentos. No Brasil a situação é ainda mais grave, ocupando a 102ª posição e o último lugar na América do Sul.

Nossa representação é 15%, na Câmara dos deputados de 12%, nas prefeituras 9% e nas câmaras de vereadores de 12%.

Será preciso garantir o EMPODERAMENTO das mulheres e o fim da discriminação de gênero. Isto só será possível com ações concretas como:

- encontrar condições objetivas para diminuir a dupla jornada de trabalho para que as mulheres tenham tempo disponível para o exercício da política. Ainda recaem sobre as mulheres as tarefas domésticas, o cuidado com as crianças, com as pessoas idosas e doentes, que na maioria das famílias não é dividido com os companheiros. Além de que cerca de 35% das mulheres são chefes de famílias.
- a reforma política precisa garantir financiamento público de campanha, pois a arrecadação de fundo de campanha é uma das maiores barreiras nas disputas eleitorais, e muito mais severa em relação as candidaturas femininas,
- que os partidos incorporem as mulheres em seus fóruns permanentes e não somente nas eleições, garantindo a capacitação e a formação política de mulheres para tenham condições objetivas para que possam disputar com igualdade de condições com os homens os espaços de poder, que se mantém há séculos, como espaços predominantemente masculinos;
- modernizar o sistema política no Brasil, que tem uma longa história de patrimonialismo, nepotismo, clientelismo,
- enfrentamento à opressão e discriminação fundadas em classe, gênero, raça e etnia.
- enfrentamento à violência doméstica;
- garantir uma educação não sexista, tanto na família como no espaço escolar, com uma nova proposta transformadora na prática cotidiana de homens e mulheres que são pais, mães, irmãos, avós, professores e professoras, etc. Será preciso romper com a cultura machista e sexista;
- afirmar as mulheres como sujeitos políticos, de direito, inseridas na vida social, política, econômica e cultural do país e, reconhecê-las como segmento estratégico para a conquista e a realização de um novo projeto nacional de desenvolvimento com justiça, autonomia, igualdade e liberdade.

**4-** Fale um pouco sobre sua trajetória na política e seu interesse pela vida pública.

**Resposta:** Bem, minha trajetória e experiência política começou em meados dos anos 70. Eu não tinha muita compreensão do momento social e político que o país passava. Eu fazia teatro amador, e tínhamos que apresentar os trabalhos para a Polícia Federal antes de torna-los públicos. Isto começou a me inquietar. Estava na Faculdade-ITE, cursando Serviço Social. Particpei de movimento de reabertura do Diretório Acadêmico que estava fechado (o período ainda final da ditadura) Daí comecei a me interessar por assuntos mais políticos. Em 1979, participei de um Congresso de Serviço Social em São Paulo, a grande greve de metalúrgicos de 78, o movimento pelo fim da ditadura ecoavam muito forte. A participação da assistente social Luiza Erundina deixava claro e alto que a profissão também deveria ser engajada nas lutas sociais do povo que eram privados de direitos...

Nos anos 80, já trabalhando como Assistente Social na área de saúde na cidade de Registro-Vale do Ribeira, convivi com pessoas que estavam voltando do exílio – eram militantes políticos que ali residiam ou estavam a trabalho. Comecei a participar do movimento de fundação da Associação Estadual dos Assistentes Sociais, depois no de Funcionários Públicos da Saúde de Estado de São Paulo.... Retornei a Bauru, continuei no movimento sindical, no movimento de mulheres existentes a Associação das Mulheres de Bauru.

O momento político era pelas Diretas Já, e eu estava lá! Tive a satisfação de participar de um dos maiores atos na praça da Sé em São Paulo. No palanque homens e algumas poucas mulheres- Tancredo, Ulisses Guimarães, Teotônio Vilela, e um senhor de cabelos bem brancos, muito franzino, João Amazonas e que me encantou com a sua fala onde afirmava de “ a unidade era a bandeira da esperança”, que o fim da ditadura, a conquista da liberdade e democracia no país só viria com a unidade de todas as forças de homens e mulheres...

Em 1985, com mais 04 pessoas me filiei comecei a organizar o PCdoB , Partido Comunista do Brasil em Bauru, o partido de João Amazonas... Continuei na luta sindical até a minha eleição para vereadora em 1992. Nesses anos participei de movimentos sociais, de mulheres, integro a direção local e estadual do partido, o PCdoB. Na atual gestão municipal exerci o cargo de Secretária Municipal de Educação durante o ano de 2009.

Acredito que a política é um instrumento de poder e mudança.

**5- Quais os momentos mais relevantes na sua vida política e seu envolvimento com as questões públicas.**

**Resposta:** Penso que a descoberta do “Brasil real” da década de 70 e não apenas a propaganda dos “90 milhões em ação e prá frente Brasil do meu coração”, do Governo Militar.Outro momento foi a participação nos movimentos pró-constituinte em 86 e 87, a filiação e organização do partido em 85, recém saído da clandestinidade e que era muito difícil falar em partido comunista. Ainda a minha eleição em 1992, em que fui a primeira mulher a ser eleita e empossada na Câmara Municipal de Bauru (02 outras anteriormente tinham assumido por um curto tempo pois eram suplentes).

Também, o acontecimento recente da eleição da Dilma, pois nesses mais de vinte anos de participação no movimento de mulheres esse era um grande sonho a ser conquistado.

**6- Que mulheres você acredita serem relevantes no cenário político mundial e brasileiro?**

**Resposta:** Muitas mulheres estão assumindo postos de relevância no momento atual. No Brasil, destaco algumas, começando pela Presidenta Dilma e as ministras (Ideli Salvati, Maria do Rosário, Miriam Belchior, Luiza de Bairros, Tereza Campelo, Iriny Lopes, Helena Chagas, Izabela Teixeira e Ana de Holanda).Ainda as senadoras Marta Suplicy, Vanessa Graziotini, as deputadas Luiza Erundina, Manoela Dávila (foi campeã de votos com 482 mil votos) , Marina Silva, 3ª colocada na disputa a presidencia. Também a Governadora Roseana Sarney, e a ministra do Tribunal Superior do Trabalho, Dra Delaide Miranda.

Fora do Brasil, coloco Ângela Merkel, 1ª ministra da Alemanha, Hillary Clinton, Secretaria do Governo EUA, Rainha Elizabeth (mesmo sem poder direto), Michele Obama, Michelle Bachelet ex presidente do Chile, que está na ONU.

**7- Como política, você não acha incompatível pretender igualdade de condições entre homens e mulheres, no que se refere a salários, cargos, títulos etc. e continuar defendendo, por exemplo, tempo menor para aposentadoria?**

**Resposta:** Não que é incompatível. Pois se considerarmos as questões históricas e só a dupla jornada já seria motivo suficiente para continuar defendendo o tempo menor para aposentadoria. Também é preciso considerar a maternidade, não só o ato de parir, mas de criar, cuidar e acompanhar os filhos. Fisicamente a mulher é

diferente. Pelo menos por enquanto esse direito deve ser garantido. Não quer dizer que daqui algum tempo a situação da mulher se modifique, aí será possível verificar essa mudança, mesmo porque as coisas não são imutáveis na história dos homens e das mulheres...

**8-** Gostaria de acrescentar alguma informação?

**Resposta:** Uma contribuição emprestada de uma grande mulher brasileira...

Assim vejo a vida

A vida tem duas faces:  
Positiva e negativa  
O passado foi duro  
mas deixou o seu legado  
Saber viver é a grande sabedoria  
Que eu possa dignificar  
Minha condição de mulher,  
Aceitar suas limitações  
E me fazer pedra de segurança  
dos valores que vão desmoronando.  
Nasci em tempos rudes  
Aceitei contradições  
lutas e pedras  
como lições de vida  
e delas me sirvo  
Aprendi a viver.

Cora Coralina